

PRÊMIO GRANDES EDUCADORES BRASILEIROS  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

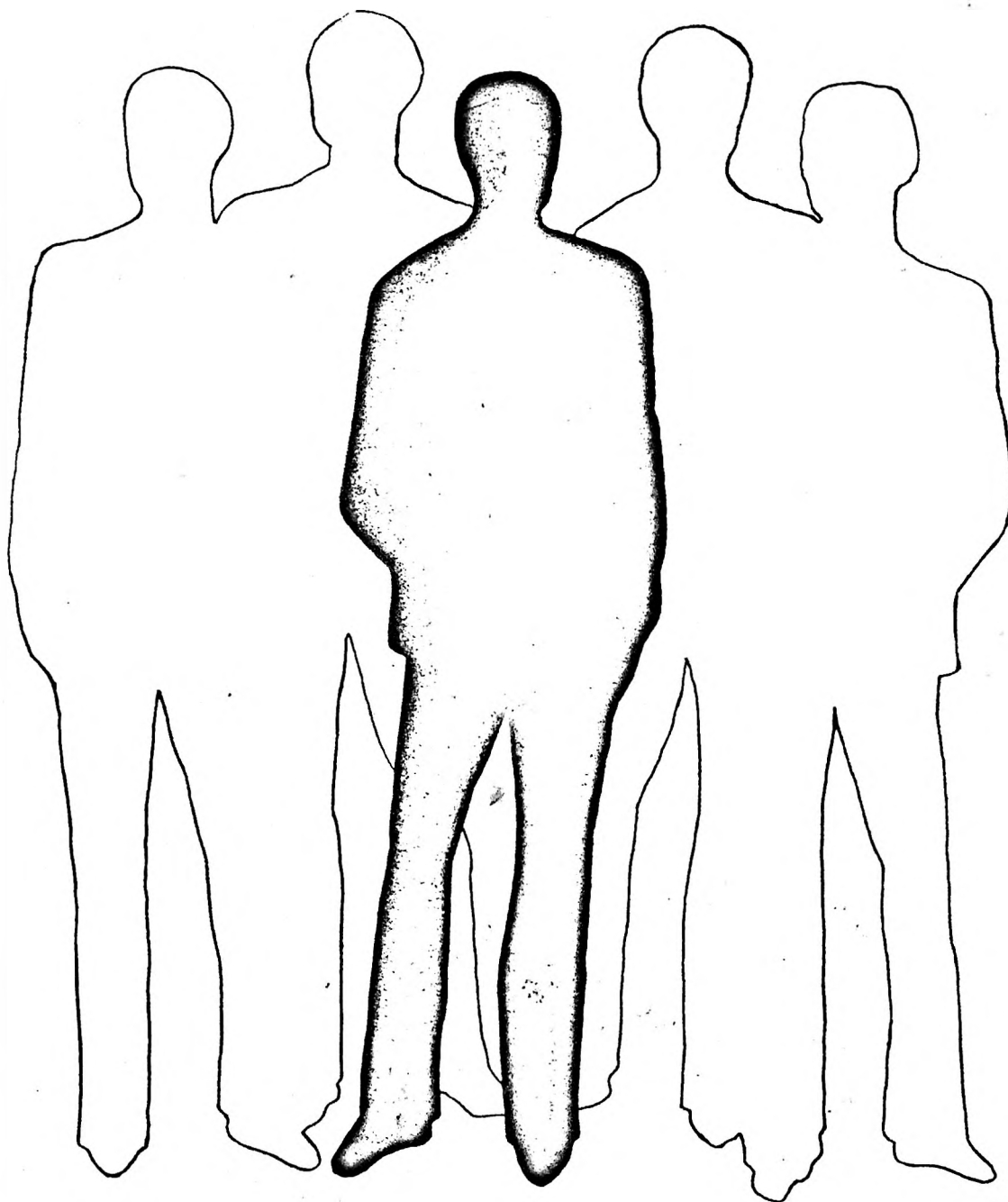
Cx.1

M.2

P.1

P.G.E.B.

PT  
PGE B



**CLÓVIS SALGADO**

Serie Prêmio Gr<sup>o</sup> Educ. Brasil.  
M. 2  
P. 1

*Clóvis Salgado em 3 vias*  
Comissão de Seleção do Prêmio Grandes Educadores Brasileiros  
Secretaria de Educação  
Palácio MEC/DG-APPE

PRÊMIO GRANDES EDUCADORES BRASILEIROS  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

**CLÓVIS SALGADO**

20.01.1906

25.06.1978



2  
BUNF

Í N D I C E

	PÁGS
I - Sua primeira infância - em "Memória" .....	01
II - Sua vida - na fazenda "Copacabana" - .....	02
III - Sua vida - no Rio de Janeiro .....	04
IV - Clóvis Salgado e Lia Portocarrero de Albuquerque .....	07
V - Flashes da vida de Clóvis Salgado .....	13
VI - Heranças que ampliaram a visão do "Grande Educador" .....	16
VII - Realizações .....	19
VIII - Gestão no Ministério da Educação e Cultura .....	25
IX - O Ensino Primário - Educação Complementar - .....	27
X - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos .....	32
XI - Ensino Secundário .....	33
XII - Ensino Industrial .....	35
XIII - Ensino Superior .....	37
XIV - Clóvis Salgado - o Artista .....	42
XV - Sua política cultural .....	43
XVI - O pensamento do Educador .....	48
XVII - Pensamento do Profissional .....	55
XVIII - Reflexões do Estadista .....	58
XIX - Idéias de progresso e desenvolvimento .....	63
XX - A Ação do Educador .....	77
XXI - Hora de Despedida .....	82

3  
Luis

Algumas vezes, a lembrança volta suavemente ao Tempo-atrás, e quem a retrata é a Saudade.

Esta se vale, agora, das mãos de duas filhas de Clóvis Salgado: Virgínia Helena e Marília.

Encantados, vamos seguindo as primeiras pinceladas, a que se seguirão inúmeras outras, até que o fundo do quadro retrate paisagens coloridas do verde da esperança e das copas floridas de pensamentos e ações, resultantes das sementes plantadas por Clóvis Salgado, nesse gigante não mais adormecido, porém vigilante e progressista, o Brasil da "ORDEM E PROGRESSO", a que serviu em sua vida pública.

Em meio aos primeiros debuxos, surgem os traços de uma criança.

E ela vai caminhando, ampliando seus contornos de figura aberta à luz do sol, à claridade da lua e das estrelas, numa sucessão de dias, meses e anos, a que não faltaram cortinas de chuvas, relâmpagos - muitos deles clareando novas trilhas -, trovões - prenunciadores de lutas, muitas delas difíceis, mas sempre vencidas à custa da integridade, do caráter e da fortaleza daquele que se fez menino, adolescente, jovem e adulto, sempre consciente de que sua caminhada - por mais árdua lhe parecesse - deveria ser vencida, pois contava com o desprendimento de si mesmo, em benefício da comunidade em que fora inserido e à qual se dedicaria sem esmorecimentos.

Logo no início das primeiras pinceladas, uma casa pequena, em "L", em "Memória" (distrito de Leopoldina), atrás de uma vendinha; esta - com quatro portas e duas

janelas, em frente; uma porta, na lateral esquerda, ladeada de duas janelas.

Uma paisagem de montanha, com vegetação luxuriante, aconchegava a vendinha e a casa de Luiz Salgado Lima e Virgínia Gama Salgado.

Tudo simples, mas de muito valor para o casal, prêmio conseguido graças aos esforços e economia do Sr. Luiz, como telegrafista da Estação da Estrada de Ferro Leopoldina, profissão que abraçou depois de, contrariando as determinações de seu pai e assumindo seu próprio destino, deixar o seminário, para o qual não sentia nenhuma vocação, época em que conheceu Virgínia da Gama, moça nascida e criada na Fazenda da Floresta e professora formada em Mariana.

Nessa casinha, nasceu Clóvis, até se fazer menino, quando o pai conseguiu os recursos necessários à compra da fazenda Copacabana, que ficara para um irmão de Dona Virgínia. Em pouco tempo, porém, em decorrência dos péssimos negócios do cunhado, a fazenda foi à praça e comprada pelo Sr. Luiz. Ao lado da criação de gado, suficiente ao consumo da família, estendiam-se os cafezais que - ano após ano - iam trazendo mais conforto à família, que não ficava atrás, pois crescia no mesmo ritmo, enriquecendo o lar com sete filhos, embora dois deles, ainda crianças, apenas de passagem rápida pela Terra.

## II

Pinceladas mais amplas delineiam a nova casa - a da fazenda -, bem maior que a primeira: assobradada, com muitas janelas na frente, uma escada central terminan

do num corredor comprido, para o qual se abrem cômodos amplos e, no fundo, a cozinha de fogão de lenha.

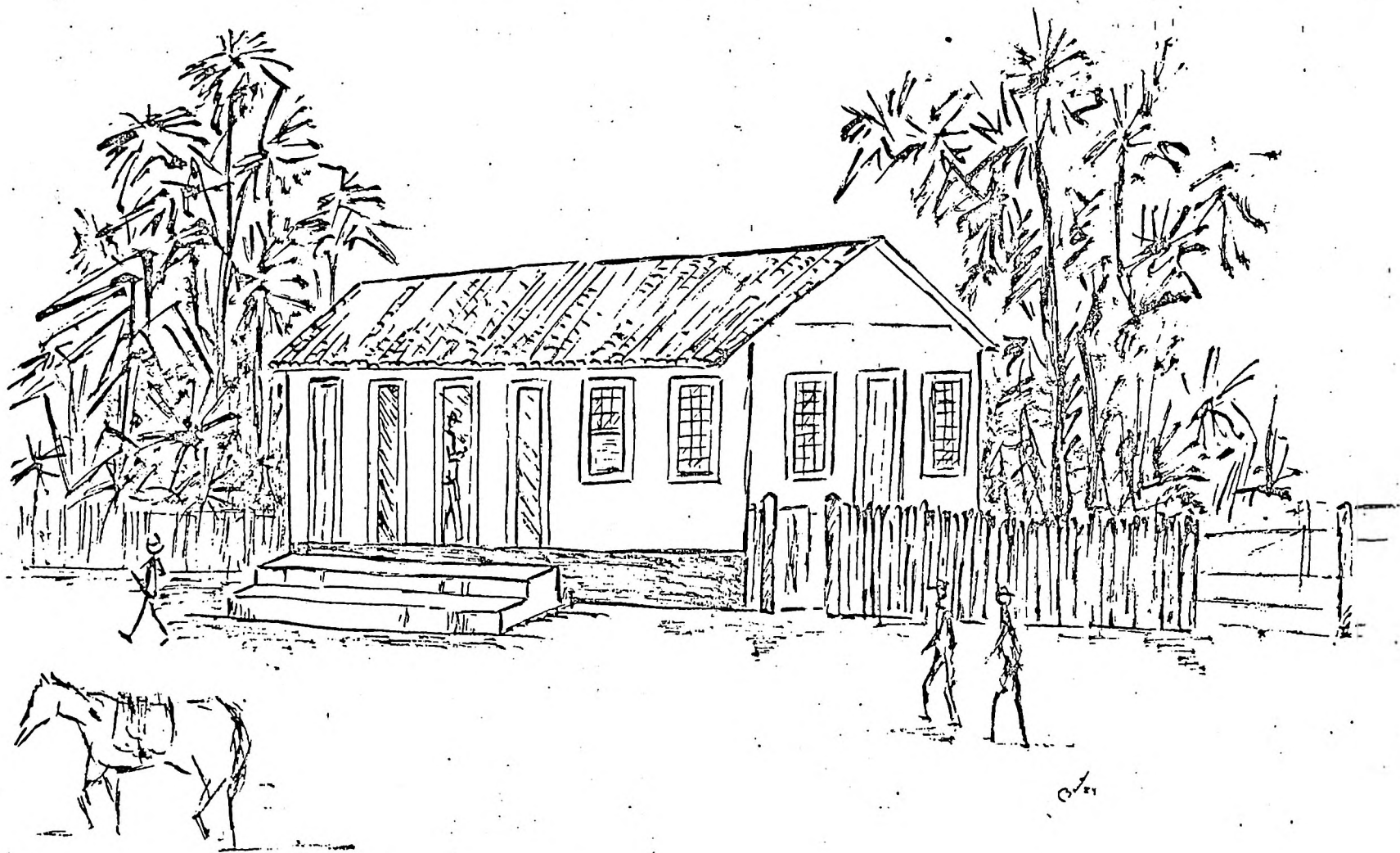
Sr. Luiz - homem muito culto. Sabia bem o latim, adorava matemática. Desde que se casou, dedicou-se inteiramente à família. Ficou 10 anos sem ir à cidade de Leopoldina (a 6 km da Fazenda), pois achava que não devia se afastar do lar e dos filhos. Era muito firme em suas opiniões e extremamente alegre.

Dona Virgínia - era a doçura em pessoa, muito dedicada aos afazeres domésticos, administrando a Fazenda com firmeza e eficiência. A cozinha funcionava como um restaurante industrial, onde eram preparadas as refeições dos colonos que trabalhavam na roça. Lia ininterruptamente. Comprava livros de toda espécie. Adorava ler romances e, todos os domingos, esperava ansiosa a chegada da Revista Ilustrada.

Ambos transferiram, a seus filhos, as aptidões, a inteligência, a dedicação, etc., não só geneticamente, mas também pelo exemplo diário.

Os irmãos eram internos no Rio e só iam à Fazenda nas férias. Mesmo nestas, nela trabalhavam. Houve uma época em que Clóvis e os irmãos plantaram todo o pomar perto da casa: mangueiras, coqueiros, laranjeiras, etc. Fizeram as covas, adubaram-nas e plantaram.

O amor e a compreensão entre os pais e filhos é uma constante que vai entretecendo, com firmeza, os laços familiares, desde o início dos sete rebentos, pois, a partir do primeiro, todos os partos de Dona Virgínia eram feitos pelo Sr. Luiz Salgado que, ao vê-los - pela primeira vez - à luz do mundo, procurava verificar se eram saudáveis; ele - sempre alegre, ao constatar serem todos meni



10/27

Bob  
Blum

nos, pois trazia, dentro de si, a certeza de que - se meninas - seriam destinadas ao sofrimento.

7  
Luiz

### III

Foi na fazenda que Clóvis Salgado aprendeu a ler e a escrever, com um seu tio.

Aos sete anos, foi morar com a madrinha, em Leopoldina, onde estudou até o 3º ano primário, quando se transferiu para o Colégio Militar, no Rio de Janeiro.

Fato marcante de sua vida de menino, na fazenda Copacabana: os colonos, cerca de 30 famílias, descendentes de escravos, que haviam trabalhado lá, antes de 1.888, compunham o ambiente de trabalho ali existente e cada vez mais próspero, graças à crescente valorização do café brasileiro. O Sr. Luiz, homem bastante progressista, tentou acrescentar, aos cafezais, grandes canaviais, importando - da França - um alambique. Mas esse empreendimento não foi adiante.

Entretanto, em decorrência de certa discriminação ainda relativamente próxima dos tempos da escravidão, bem como um distanciamento grande entre a casa da fazenda e as dos colonos, os filhos do fazendeiro e os desses colonos não tinham um relacionamento grande, que proporcionasse as brincadeiras próprias daquela idade, em que todas as crianças se sentem iguais, niveladas pelos mesmos sonhos e planos de travessuras comuns. Apenas três delas gozaram desse privilégio.

Talvez isto tenha-se imprimido fundo na memória de Clóvis, quando - jovem e adulto - procurou assumir, como educador e médico, uma atitude de compensação para

com as classes mais humildes e mais sofridas, eliminando a lembrança da diferenciação de classes a que assistiu como menino.

Somemos esta herança de seu vivenciamento - baseada na análise positiva e fiel aos fatos vividos - com uma outra herança, verificada em anos posteriores, quando prosseguia sua caminhada pelas trilhas do Conhecimento.

Seus próprios professores surpreendiam-se com aquele jovem: enquanto os colegas escreviam as anotações, no decorrer das aulas, Clóvis entregava-se inteiro e atentamente aos assuntos de cada aula, a tal ponto que, muitas vezes, os professores pediam-lhe que resumisse a matéria dada, para os demais colegas.

As duas parcelas somadas podem levar-nos ao porquê da herança que o Sr. Luiz sempre desejou para seus três filhos: o patrimônio que lhes deixaria seria o de uma educação aprimorada, profundamente humana, aberta a todos.

A esta soma, juntaremos uma terceira parcela: a da bondade, alegria e devotamento, retratando a herança de seu pai - Sr. Luiz Salgado -, como se, a cada momento, ele se lembrasse de uma figura: de pé, no alto da escada da fazenda Copacabana, o velho pai, de cavanhaque branco, os olhos irradiando ternura, braços abertos, e o grito de entusiasmo: "Oh! Que bom! Vocês chegaram."

Daí, concluimos: o EDUCADOR, nunca preocupado com a remuneração, mas com aquela ânsia de se aprofundar nos conhecimentos, atualizá-los e seguir em frente, a fim de transmitir sempre mais, e de tal maneira que os alunos seguissem seus passos, avançando, porém, por seus próprios méritos, talvez até mais adiante que ele; o MÉDICO, indiferente ao que valia por seus conhecimentos, sua precisão

nos diagnósticos, sua determinação no debelar o mal, muitas vezes salvando vidas a que restava pouca esperança. O desprendimento de si mesmo levava-o a se doar sempre mais, e - quem assim pensa - pouco valor dá à matéria. Tanto que os que podiam remuneravam-no devidamente, como entendiam; outros davam-lhe parte do devido; e a maioria - nada. Ou melhor, muito, porque ele - sim - sentia que recebera o maior preço: a doação de si mesmo. Daí, concluir-se que, como médico, também foi educador: ensinou, também nesta profissão, que a maior sabedoria a ser transmitida é a de doar-se, quando solicitado para solucionar dificuldades. E, na Medicina, elas assumem grandes proporções. Daí, a necessidade de se dar o melhor de si mesmo e levar outros a também estenderem as mãos para ajudar o próximo, a lição maior, que nos foi ensinada pelo maior dos Mestres de todos os tempos.

Comprovando tal assertiva, nós vemos, através do relato de sua filha Marília:

Clóvis trazendo, para casa, crianças indigentes - suas clientes - uma delas durante um ano.

Quando as crianças eram do interior e às famílias não iam visitá-las, Clóvis passeava com elas nos fins de semana, incluindo-as nos programas de sua própria família. Isso era seu procedimento habitual.

E, como seria de se esperar, sua face política só poderia retratar idéias em benefício de ações que beneficiassem o povo, a gente humilde, que lhe merecia apoio e solidariedade, com o que se tornou o espírito conciliador do PR, cujas heranças, advindas de Arthur Bernardes, a quem prestava grande admiração, foram de grande valia, quando se digladiavam o PSD e a UDN.

110  
Luis

Esse homem de grande visão, amplos horizontes abertos para os mais diversos aspectos da vida, da sociedade, só poderia lamentar, em sua limitação de ser humano, o que expressou - várias vezes - à seus amigos:

" Que bom seria, se eu tivesse esperado para nascer no ano 2.000!"

Mas - refletimos agora -, se, há dois mil anos, o maior dos Mestres, tendo apenas doze discípulos, deixou-nos ensinamentos de sentido e grandeza nunca igualadas no planeta Terra.... se tais ensinamentos têm sido, a luz dos caminhos de milhões e milhões de seres, no processo da evolução universal,... e, se o grande Mestre nunca se mostrou a fonte de seus ensinamentos, pois sempre, ao transmiti-los, referia-se ao PAI... por que não concluir que também Clóvis Salgado, como instrumento da missão que Esse PAI lhe confiou, foi um Educador, cujos ensinamentos e exemplos calarão bem fundo no coração daqueles que - por seus pensamentos, suas palavras, seus exemplos, sua doação constante a todos que com ele conviviam - tornaram-se herdeiros, para multiplicarem os talentos dele recebidos? Até o ano 2.000 e depois dele, acreditamos, muitas das sementes lançadas por ele já terão florescido em muitos jardins, onde outros semeadores, seguindo seu exemplo, plantarão as árvores do conhecimento humano e da grandeza do espírito voltado para DEUS.

#### IV

Retratemos, agora, dois lares:

- o de um médico - irmão mais velho de Clóvis Salgado;

J. J. B. B.

- outro, ao lado do primeiro, onde morava a família Portocarrero, onde Clóvis encontrou a jovem Lia, oito anos mais nova que ele.

Os fins de semana do jovem Clóvis, ele os passava na casa do irmão.

Frequêntador assíduo da casa vizinha, era muito bem recebido por toda a família de Dona Leopoldina, inclusive pela mãe de Lia Portocarrero de Albuquerque, Dona Helena.

Tudo fazia prever um "final feliz" naquele convívio tão comum ao clima romântico da época, em que se irmanavam, de forma simples e cordial, mesmo as classes de objetivos aparentemente diversos.

Na família de Clóvis, predominava a Medicina: os cinco filhos do Sr. Luiz voltaram-se para ela.

Já os Portocarreros preferiam a carreira militar, porém com característica preponderantemente artística. Suas reuniões semanais eram animadas pelos primos, que tocavam, cantavam e dançavam.

Clóvis, considerado um bom partido pela família de Dona Leopoldina, por ser bonito e inteligente, não resiste à atração que lhe desperta a jovem Lia e se torna seu namorado.

Duas almas gêmeas na sensibilidade, uma atração cada vez maior para a arte que - mais tarde - seria cultivada por Lia, com o estímulo constante de seu esposo.

Dois pólos opostos, em decorrência de ambientes familiares diferentes, nos quais foram criados:

- o espírito independente do pai de Clóvis imprimiu, em cada filho seu, características de liderança,

capacidade de iniciativas próprias de quem - analisando suas próprias possibilidades - propõe-se a agir e a evoluir sem esmorecimentos;

- a morte do pai de Lia - esta com apenas quatro anos - levou ambas (mãe e filha) para a casa da avô (Dona Leopoldina), onde a menina se tornou dependente de toda a família e, conseqüentemente, superprotegida.

Talvez porque a situação de uma criança - órfã de pai tão cedo - tenha sensibilizado demais a família, o posicionamento desta não condizia com o espírito de independência, principalmente do lado feminino da família Portocarrero, pois a bisavô de Lia foi a primeira funcionária pública no Brasil; a avô - professora e diretora de um colégio; a mãe - diretora dos Correios e Telégrafos do Rio. Outras parentas de Lia sempre manifestaram grande capacidade de iniciativa, voltada para uma certa independência, o que não era comum na época.

Dona Helena, procurando compensar a fragilidade da filha, pelos excessos de cuidados proporcionados no lar da avô... e fugindo às normas da época - em que predominavam os colégios de irmãs de caridade - resolveu que sua filha estudaria, como estudou, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, o que não conseguiu apagar as influências, ao longo de toda a sua vida.

Namoro e noivado de Clóvis e Lia completaram-se no prazo de três anos, ao fim dos quais Clóvis (com vinte e sete anos) e Lia (com dezenove) casaram-se.

Nove meses depois, Clóvis Augusto nascia. Seu pai - Clóvis - trabalhava no Hospital da Gamboa; sua mãe - Lia - era a dona de casa, esposa e mãe dedicada, colorindo - com amor, paz e alegria - o lar, a que chegariam, depois, duas filhas.

13  
L. M. F.



Com a morte de Hugo Werneck, Clóvis Salgado vem para Minas Gerais, para ocupar sua vaga, como catedrático de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, quando, em concurso realizado para preenchimento da mencionada vaga, colocou-se em 1º lugar.

Com essa mudança, Lia sofre o impacto mais sério de sua vida, que - não fosse a firmeza de caráter de Clóvis, com seu espírito de iniciativa tão pronunciado - poderia trazer sérios problemas à vida do casal.

Fácil ser-nos-á entender.

Rodeada de sua família numerosa e superprotetora, no Rio, Lia se vê em Belo Horizonte com um filho, defrontando, logo depois, com o nascimento de sua 1ª filha - Virgínia Helena, longe, portanto, de todos aqueles que a amparavam e ajudavam a superar problemas diários, comuns à sua nova situação de esposa e mãe.

Por outro lado, aquele - que podia compensá-la do vazio trazido pelo distanciamento da família a que se apegara demais - nem sempre pôde estar a seu lado.

Como professor consciente de suas novas responsabilidades, Clóvis estudava demais, na ânsia incontida de aperfeiçoar seus métodos, atualizá-los, investigar, analisar, a fim de que pudesse transmitir a seus alunos o que de melhor poderia valer-lhes, quando, ao lado de um doente, tivessem que escolher o recurso mais válido e seguro para defender ou recuperar uma vida humana. Além disso, sua clínica crescia cada vez mais.

Tal distanciamento, entretanto, era compensado por uma valorização maior do tempo, pois, este, com sacrifício de si mesmo, ele o aproveitava para fazer madeiras, ler estórias, ensinar os filhos a nadar, dar-lhes

banhos, assistência à esposa, com uma nova empregada, mer\_ cado, mercearias.

15  
Burt

Para resolver esse impasse, uma idéia lumi- nosa acode à mente de Clóvis, o companheiro sempre preo- cupado com a dependência afetiva da esposa, a quem não po- deria acompanhar pari passu.

E ela adere a essa idéia, de corpo e alma: de- senvolver a veia artística de Lia, através de aulas com uma cliente, professora de canto.

Seus primeiros recitais prenunciaram, o ta- lento, que revelaria, mais tarde, a grande artista, conheci- da não só em nosso País, como na Europa e Estados Unidos.

E não nos surpreende tal sucesso, porque:

1º) a arte encontrou em Lia a intérprete

ideal para transmitir, através do canto, a emoção maior que nos transporta a um plano além dos comezinhos do dia-a-dia, levando seus ouvintes ao mundo dos ideais e do sonho;

2º) seu esposo, Clóvis, estava sempre a seu lado, atento às oportunidades que lhe permitiam somar mais um estímulo à sua carreira promissora.

Citemos duas delas:

Destacava-se, por seu grande valor, no Rio de Janeiro, o Prof. Murilo de Carvalho. Lia torna-se uma de suas alunas e, periodicamente, ia àquela cidade, para aperfeiçoar-se.

Clóvis vai ao Rio, como participante de um Congresso Médico, e leva a esposa.

Saindo ambos, ele com certo atraso para

uma jornada de trabalho, passam em frente ao Teatro Municipal, onde - na época - levavam "La Bohème". Lia se manifestava: "Gostaria de assistir a esta ópera"; ao que lhe retruca o esposo: "Infelizmente, não temos tempo."

E ela continua: "Ainda hei de cantar, aqui, esta ópera". Ao que, ele responde: "Mas você tem que estudar muito."

Pouco mais tarde, graças àquele estímulo que reforçou sua determinação de atingir o melhor, Lia Salgado estreou, no mesmo Municipal, cantando "La Bohème".

E seguiram-se novas apresentações da grande artista, sempre acompanhada de Clóvis, a mola mestra que a impulsionava em todas as temporadas, diante dos grandes públicos:

- no Cine Brasil, em Belo Horizonte;
- na Europa (5 países) e Estados Unidos (13 cidades), inclusive no Carnegie Hall, de Nova York.

Como intérprete oficial de Camargo Guarniere, criou papéis nas óperas "Um Homem Sô", "O Auto da Compadecida"; "Os Sertões", do Maestro Jouteux, percorrendo, sempre com a presença estimulante de Clóvis, o Brasil, de Norte a Sul.

Com seus esforços, em prol da arte, ambos fundaram:

- a Sociedade Coral de Belo Horizonte;
- a Cultura Artística de Minas Gerais;
- a Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos;
- a Fundação Universidade Mineira de Arte.

Então, concluímos: Lia foi a música da vida de Clóvis, mas, para isto, seria preciso - como se constatou - que aquele médico, professor, educador em múltiplas facetas sociais, aquele impulsionador do desenvolvimento

17  
Beust



de uma sociedade, ainda imatura em diversos aspectos, trouxesse, no âmago de si mesmo, a chama inatingível do sentimento que ilumina e amplia os horizontes dos grandes homens.

18  
Dust

V

Destaquemos, em pequenos "flashes", os ambientes da vida de Clóvis Salgado:

MEMÓRIA, distrito de Leopoldina, onde - criança - via o mundo restrito a seu redor, através dos olhos carinhosos de seus pais, seus lábios balbuciando os primeiros sons, as primeiras palavras que, anos e anos mais tarde, transmitiriam idéias e ensinamentos capazes de transformarem o mundo interior de homens e da sociedade a que pertenceu.

LEOPOLDINA - cidadezinha do interior, que lhe ampliou o círculo familiar, com a presença dos coleguinhas da escola primária e de vizinhos da própria faixa etária.

O RIO ANTIGO - Quando se transferiu para lá, em 1.918, era uma cidade de uns 600.000 habitantes. Acostumado à tração animal, sentiu uma curiosidade profundamente saborosa pelos bondes, meio de transporte comum da época, em que o número de automóveis era muito pequeno.

Calou-lhe fundo, no coração ainda tão jovem, o espetáculo a que assistiu, como uma experiência que, mais tarde, talvez se constituísse em um dos motivos dominantes da escolha de uma de suas carreiras - a de médico: milhares de pessoas morriam a cada dia, vítimas da febre espanhola.

Preconceitos de classe, limitações pessoais em relação a feitio e costumes já vividos, tudo foi posto de lado, quando o filho do fazendeiro, acostumado a rece

ber do melhor, no cada-dia, passou a assumir até certas obrigações mais simples, como: a de ir à Estação, comprar e carregar galinhas, outros alimentos, e mesmo prepará-los.

Segue-se uma nova experiência, no mesmo campo, e ele a assimila, para embasamento - é certo - de procedimentos futuros, com vistas para soluções paralelas: outra calamidade pública desencadeia-se no Rio: a varíola, cujas medidas de prevenção e o tratamento da moléstia desencadeiam, por sua vez, a revolta do povo, que se põs contra a vacinação obrigatória.

E, cada vez mais, Clóvis vai-se conscientizando de sua posição no futuro, de seus ideais que realizaria em benefícios daquele povo, cujo sofrimento presenciara com tanta intensidade.

Deveria, portanto, cultivar força, caráter, perseverança; deveria preparar-se para líder no campo social.

E é nesse Rio antigo que, mais uma vez, a presença do pai vai proporcionar-lhe novos estímulos para a realização dos objetivos a que se propunha, muitos deles vindos de uma herança a que nunca pôde furtar-se e que, mais tarde explicaria, quando se ligou, através da Literatura, a dois luminares da França: Proust e Zola: a cultura, a liberdade de escolha de seus caminhos, embora com as marcas do passado, deveriam voltar-se para seu aprimoramento, a quebra de elos que entravassem sua evolução, sua liderança nos momentos em que deveria assumir sua própria individualidade.

Em 1.923, foi designado como coronel-comandante na PARADA DE 7 DE SETEMBRO, quando o batalhão do Co

légio Militar desfilou pelo Campo de São Cristóvão, com a presença do Presidente da República, ladeado pelo Rei Alberto e pela Rainha Elizabeth.

Como sempre, muito apegado ao lar, àquela vida pacata de fazendeiro, embora envolvido pelas árduas tarefas, do nascer ao pôr-do-sol, o Sr. Luiz foi ao Rio (em companhia de Dona Virgínia) e, orgulhoso, assistiu a uma das primeiras manifestações de liderança do filho, estimulando-o, ainda mais, no sentido de - ele próprio - responsabilizar-se por suas idéias e conduta.

E o Rio crescia, e Clóvis - o adolescente - chegou à juventude, estudou Medicina, trabalhou como professor secundário, num Rio bem mais desenvolvido, uma grande cidade em relação à que chegara tantos anos antes.

Sentindo a força de sua vocação para o magistério, vê - diante de si - uma porta que se abre: o Concurso para Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais.

Faz o concurso, não para ser classificado, porém a fim de obter mais um título que facilitaria sua profissão de professor no Rio.

Mas a vitória lhe coube, e ele teve que se transferir para Minas, Belo Horizonte.

Embora tivesse como opositor, pois também era candidato à vaga, Lucas Machado, e tivesse obtido o 1º lugar, para ele, Lucas era um iluminado.

A Escola de Medicina era muito pobre e, como Lucas lá continuou, viu-se com pouco serviço.

Aproveitou seu tempo no Instituto Pestalozzi, tornando-se muito amigo de Dona Helena Antipoff, com quem - trocando idéias e experiências - alarga seu sentido

humanístico, decidido a seguir as pegadas daquela mulher admirável, sob todos os ângulos.

21  
Nunes

Sua amizade com José Oswaldo de Araújo, que se tornou Prefeito em 1.938, proporcionou-lhe o aproveitamento de um pavilhão, na Alameda Álvaro Celso, onde instalou um Hospital de Ginecologia, graças também aos esforços extraordinários do Professor Balena, para conseguir os recursos necessários.

Veio, depois, o Hospital das Clínicas.

Contrariando os costumes da época, que centralizavam, no médico, a responsabilidade total de um trabalho cirúrgico, Clóvis resolveu implantar um novo método, já que era professor e educador nato.

Treinando auxiliares - enfermeiras e ajudantes - levava-os a adquirirem a destreza e a técnica necessárias à preparação dos pacientes, para que ele, como cirurgião, assumisse, como responsável, o ato propriamente operatório.

## VI

Mas o pouco do muito que se poderia dizer desse homem admirável necessita de muitas outras pinceladas, que nos façam, pelo menos, vislumbrar as paisagens dos vários conhecimentos pelos quais se adentrou, desde jovem.

Como toda a juventude daqueles tempos, a Literatura Francesa, principalmente no que a tocava de perto, era a que envolvia sonhos e ideais já esboçados, com aventuras e planos arrojados, ações e gestos mirabolantes, nas quais se situavam um Conde de Monte Christo, um dos quatro

mosqueteiros (não era "Três Mosqueteiros", como Clóvis dizia a si mesmo). - d' Artagnan.

Machado de Assis (voltado para o ambiente social do Rio de Janeiro) e Eça de Queiroz (este considerado um dos inovadores da Língua Portuguesa) deram-lhe a primeira visão psicológica e social das personagens, despertando-lhe a necessidade do adentramento nas áreas da Psicologia, da Filosofia, da Ciência e da própria técnica, de que aquela deveria valer-se.

A isso, somou sua admiração incondicional por Rui Barbosa e outros grandes oradores, cuja divulgação, em massa, de ideais e novas propostas era assimilada e divulgada, se bem que em menor escala, pelos jornais e folhetins, estes - os primeiros precursores das novelas de televisão.

José Lins do Rego trouxe-lhe a semente fértil de sua futura preocupação pela "gente brasileira", com sua visão dos problemas do nordeste, no que foi seguido por Jorge Amado, em cuja obra sempre predomina o social.

Érico Veríssimo abrangia tudo, à medida que sua literatura passou a retratar a terra, o homem, a sociedade, com todas as implicações de um país novo, sem rumos definidos, mas possuidor de várias heranças, que criavam situações as mais diversas.

Professores do Colégio Militar propiciaram a Clóvis Salgado e a colegas mais chegados (pois com seus mesmos propósitos) a dialética científica, abrindo-lhe perspectivas para novos rumos.

A diversificação das carreiras já esboçadas nas mentes daqueles colegas, com a preponderância de matérias correlatas com as profissões a que aspiravam, essa di

213  
Buss

versificação forneceu-lhe embasamentos em várias áreas, pois havia os que pretendiam dedicar-se à Engenharia, à Língua Portuguesa, à Agricultura, à Literatura, à Matemática, à Marinha, ao Exército, à Física, enfim a inúmeros aspectos do conhecimento humano, que - desde aquele tempo - procurava absorver, para ajudá-lo a complementar e a transmitir com suas próprias experiências.

Embora não se atribuisse uma liderança intelectual, participou, com entusiasmo, de uma revista do Colégio Militar, com seus artigos científicos e matemáticos.

Clóvis sempre se sentiu profundamente grato àquele colégio, pois, à par dos ensinamentos ministrados, deu-lhe bases seguras de disciplina e patriotismo.

Como retribuição simbólica pelo muito que recebeu, sentiu-se no dever de, como Governador do Estado de Minas Gerais, reabrir a antiga casa de ensino dessa área, fechada por falta de verbas, o que fez em janeiro de 1.956.

E, agora, vamos ter, diante de nós, a figura amadurecida pelas lutas e conflitos de um Brasil envolvido no processo de um desenvolvimento, para o qual talvez não estivéssemos bem preparados.

Como o próprio Clóvis Salgado disse, em uma de suas entrevistas, ele conheceu de perto as idéias capitalistas, num clima em que cada um procurava elevar-se até as classes superiores, ainda quando a política não se voltava para as classes menos favorecidas, no desconhecimento das bases de uma democracia social.

No Brasil, vindo da escravidão, em que predominavam os grandes proprietários de terras, ou grandes comerciantes, só aos poucos germinou a legislação social, timidamente com Arthur Bernardes, ganhando novos impulsos

com Getúlio Vargas, depois dos anos 30, com a Legislação Trabalhista.

Em Bernardes, ele via o líder preocupado com os problemas de seu País, sempre aberto para servir o povo, a nação brasileira.

Com ele, aprendeu a nunca usar subterfúgios, artimanhas políticas, preferindo uma definição clara de suas atitudes.

Foi pelas mãos de Bernardes, naquele tempo senador, que Clóvis Salgado entrou para a Política, ingressando no Partido Republicano.

Dissolvido este, por Getúlio Vargas, em 1.937, e com a queda do Presidente, em 1.945, Bernardes reestruturou-o, já com a denominação de Partido Republicano Mineiro, que passou a ser, depois, de âmbito nacional, com filiais em outros estados.

## VII

E, dentro da Política, novas missões foram-lhe confiadas. Assumiu novos cargos, num incansável devotamento, a que nunca pôde fugir, se veio para servir e distribuir o BEM.

O Governador do Estado de Minas Gerais e o Vice-Governador passaram. E também passaram: o Ministro da Educação e Cultura; o Doutor e Professor Catedrático de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais; o Secretário de Saúde e Assistência de Minas Gerais; o Doutor "honoris causa" das Universidades da Bahia, Ceará, da Escola Paulista de Medicina, da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Escola

de Minas e Metalurgia de Ouro Preto; o membro titular da Academia Nacional de Medicina, da Legião de Honra da França, Grã-Cruz do Mérito; o Diretor do Hospital São Vicente de Paula; o Presidente da Sociedade de Ginecologia de Minas Gerais e do II Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, reunido em Belo Horizonte; o pesquisador incansável nos campos da Educação, da Medicina, das soluções político-sociais, da arte, do jornalismo; o membro titular da Academia Nacional de Medicina; o Commandeur de La Légion d'Honneur, da França; o Grã-Cruz da Instrução Pública de Portugal, da República Federal da Alemanha; o Grã-Cruz de Alfonso X, el sabio, Rey de Castilla y León (Espanha); o incentivador de novas idéias, de novos horizontes, no campo da Educação, e fundador de novas universidades, escolas, institutos de pesquisas científicas e tecnológicas, casas de ensino de todos os níveis, desde o primário ao superior, pós-graduação e mestrado..... tantos títulos ..... muitos mais dos que os citados.

Tantas vitórias alcançadas com esforço e dedicação incondicionais... e tanto, tanto mais trabalho... tantas noites mal dormidas... tanto desprendimento de si mesmo, em prol da sociedade...

Os títulos, as vitórias passaram, como o corpo de volta ao pó.

Mas, a par de "Tu és pó e ao pó voltarás", foi ensinado: "Teu espírito é imortal, e volta a Deus, para o processo eterno da evolução".

Só que volta a Deus, mas pode deixar, aqui na Terra, rastros de Luz para - os que os seguirem - deles se beneficiarem, aprendendo, iluminando-se interiormente, a fim de que eles também deixem exemplos para as gerações vindouras.

A vida de Clóvis Salgado deixou-nos rastros

de Luz e, por isso, afirmamos, trazendo, aqui, uma frase de sua filha - Marília de Albuquerque Salgado: "Jamais esqueceremos, porém, ao lado da efeméride do Poder, a certeza do Bem que ele fez."

E o Bem que ele espalhou proveio de alicerces que, a cada passo de sua vida, brotaram de seu mundo interior, cujas janelas claras, volta-e-meia, ele deixava abertas, ilustrando seus pensamentos, através de suas palavras:

" A obra da ciência nada valeria, se não fosse posta a serviço dos interesses morais do homem, como criatura de Deus."

A "Educação para o Desenvolvimento" é de cunho profundamente humano, "já que, na realidade, procura resolver o problema da sobrevivência e criar as condições de segurança e prosperidade, sem os quais nenhuma civilização poderá florescer", para a emancipação do Brasil, "na ordem cultural, cujos reflexos se farão sentir no fortalecimento da nação brasileira."

" A ciência deve tirar, cada dia, lições dos fatos, em constante reajustamento de suas conclusões. É essa atitude, é essa mentalidade científica e experimental que a Universidade deve cultivar e transmitir a seus alunos, na alta missão de guiá-los e educá-los."

Seu espírito multiforme compreende que o tempo-Terra deve ser intensamente vivido, minuto por minuto, para aprimoramento próprio, mas sempre em benefício de todos..

Parte do "educar-se, para educar"; conhecer, para ensinar; não se ater a um aspecto da vida, a um aspecto do fato, da situação, mas a todos que baterem à porta de seu espírito e mente, para torná-los partes de si mesmo, a fim de, vivenciando-os, poder tirar as melhores conclusões.

27  
LWSF



sões, partindo para a ação efetiva que possa beneficiar os que dele necessitarem.

28  
Bunif


Sua curiosidade científica, cultural, artística e humana não tem limites. Adentra-se pelas áreas literária, artística, tecnológica, política, social, filosófica. Liga-se à Medicina, ao Direito, à Administração Pública; busca as tradições culturais e humanas de outros povos, e outras sociedades, outros continentes.

Segundo o saudoso Professor Alberto Deodato Menna Barreto, é "um educador integral".

Nos problemas educacionais - sejam primários, secundários ou superiores - a dinâmica discente ou docente sensibiliza-o de modo especial.

Embora entrosado no contexto político-partidário, o fascínio político não feriu de leve o médico idealista, empenhado inteiro na ação de cada instante; nem o professor nato, ambos verdadeiros sacerdotes, com a visão inteira do doar-se, impulsionado pela ânsia de sempre ver mais adiante, transmitindo as experiências conseguidas do dia-a-dia, em seu processo contínuo de atualização dos conhecimentos e à cata de outros mais que alargassem novos horizontes; nem o homem, cuja posição em relação a seus pares tinha condições de - detectando situações sociais necessitadas de amparo e novas medidas - solucioná-las efetivamente. Algumas de suas providências comprovam tal assertiva:

- a difusão de métodos modernos para prevenção de moléstias, seu tratamento;
- a formação de filiais da Cruz Vermelha;
- a preparação de enfermeiras para a Força Expedicionária Brasileira;

- 
- a criação do plano "Educação para o Desenvolvimento", com a finalidade de não só produzir mais educação, mas também de preparar jovens para as atividades produtivas, donde o ensino técnico-profissional, a nível médio;
  - a criação do Departamento Social do Menor;
  - uma visão mais larga para o ensino ampliado e aperfeiçoado, nos ramos industrial, comercial e técnico;
  - a educação dos adultos;
  - a distribuição da merenda escolar;
  - a Campanha Nacional do Material do Ensino;
  - bolsas de estudo;
  - o apoio aos surdos-mudos, revolucionando métodos e processos, para sua melhor integração na sociedade;
  - a criação de escolas, em número difícil de ser apurado.

Mas, em todas as suas obras, algo de soberbo e incomum ressalta a grandeza do Grande Educador, em características que compunham seu mundo interior:

"O sumo da razão com que norteava seus atos, quando se exaltavam os ânimos, servindo-se de atilado vértice para acalmar seus pares e chegar ao objetivo visado; sua perícia de garimpeiro de idéias; sua capacidade de sintetizador do saber, do mundo", tudo nos levando a encontrar suas origens também em Kant, cuja essência procurou absorver, ao lado do Positivismo de Comte, ao lado da visão global de Hermann Hesse, com quem aprendeu que "quando alguém procura muito, pode facilmente acontecer que seus olhos se concentrem exclusivamente no objeto procurado, e que ele fique incapaz de achar o que quer que seja, tornando-se inacessível a tudo e a qualquer coisa, porque só pensa naquele objeto e porque tem uma meta que o obceca internamente. Procurar significa ser uma meta. Mas achar significa estar livre, abrir-se a tudo, não ter meta alguma, pois, no

afã de se aproximar ãa meta, não se enxergam certas coi-  
sas que se encontram bem perto de nossos olhos." 030  
Tommas

Daí, a conclusão tirada por um de seus in-  
condicionais admiradores, deputado Ruy da Costa Val: "Cló-  
vis Salgado foi, efetivamente, um líder plástico, com a  
compreensão esférica dos homens e das circunstâncias."

Com isto, acrescentamos mais ao perfil do  
"Educador": uma visão ilimitada e pronta a aclarar o uni-  
verso de cada aluno, aceitando as deficiências próprias à  
juventude, procurando aparar, de comum acordo, as arestas,  
na certeza de que nunca seria "emissor de vaticínios defi-  
nitivos, de inatacável ciência mas, como os próprios edu-  
cando, um aluno da vida."

E é o mesmo deputado quem confirma nossa pa-  
lavra, quando nos diz a seu respeito:

"Profundo conhecedor da natureza humana, ti-  
nha sempre o que ensinar; por isso, foi eterno discípulo,  
tal o respeito e a confiança na potencialidade daqueles  
com quem mantinha relações. Em suma, não se estagnava em  
si próprio, pois a todos amava, certo de que o amor frater-  
no baseia-se na experiência de que todos somos um."

À majestade conferida a Clóvis Salgado nos  
inúmeros degraus do Poder, que galgou, por seus esforços,  
conhecimentos profundos e altamente diversificados, contra-  
puseram-se, numa áurea sutil de envolvimento para com to-  
dos que dele se acercavam: a maneira branda, meiga, doce, a  
sabedoria no manejar sem melindrar, a força transmitida a  
todos, para que - também eles - conseguissem lograr sua  
elevação.

E é ainda Ruy da Costa Val que nos afirma:

"Sensibilidade e sabedoria assim cultivadas

constituíram o corpo etéreo de seu carisma, a que nós - *31*  
milde e agradecidamente - nos rendemos." *Amf*

Por tudo que você nos deixou, Clóvis Salgado, esse tudo de que uma pequena parcela registramos aqui nestas páginas, por seus exemplos, por suas mãos estendidas sempre aos que, a seu lado, ou mesmo longe, desejavam novos caminhos, nós lhe dizemos: "muito obrigado, Amigo".

## VIII

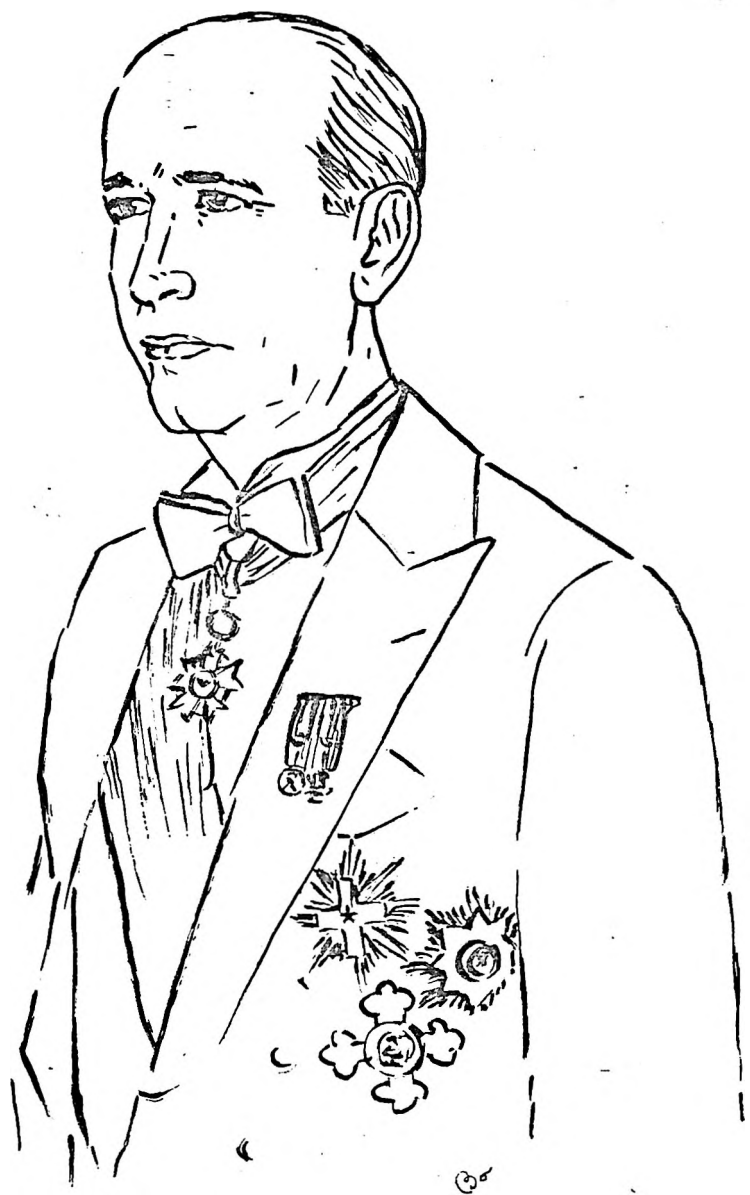
Ao assumir o Ministério da Educação e Cultura, encontrou o Professor Clóvis Salgado a seguinte situação:

"Os ensinos de grau médio e superior, além de deficitários quanto ao número de escolas, concentravam a preferência dos estudantes nas de caráter humanístico, de cultura economicamente pouco produtiva, em detrimento da preparação e formação técnica e científica, desintegradas, pois, das exigências das forças de trabalho promotoras do desenvolvimento econômico do País, ou asseguradoras, pelo menos, do ritmo desse desenvolvimento. Em síntese, constituía o ensino o ponto de estrangulamento de nossa encetada emancipação econômica."

Dai se conclui a soma de providências e realizações que se impunham e se impuseram ao Governo. Havia necessidade de:

1. corrigir os desajustamentos, de ordem humana, técnica e material das entidades educacionais, em todos os graus;
2. reestruturar-lhes o funcionamento pedagógico;
3. integrá-las na realidade sócio-econômica, regional e nacional;

39  
Lemmer



- 31  
Ramos
4. elaborar uma programação da educação brasileira que, com base na realidade verificada e analisada, facultasse a execução técnica do ensino, para o desenvolvimento econômico em curso.

Esta - a tarefa-chave do Governo, no campo educacional, durante o seu mandato.

O Ministério da Educação e Cultura, dentro das contingências urbanas e das restrições da conjuntura econômica do País, apesar delas, muitas vezes, empenhou-se:

1. na reformulação filosófica do Ensino;
2. na sua reestruturação executiva, curricular, docente e administrativa;
3. no incentivado e contínuo aperfeiçoamento do pessoal docente e administrativo das escolas;
4. na descentralização executiva dos trabalhos docentes e administrativos;
5. na reincrementada assistência técnica, econômica e social ao corpo docente e administrativo das entidades educacionais dos Estados, Municípios e particulares;
6. no amparo econômico e social aos estudantes;
7. nos incrementados auxílios diretos e supletivos às escolas estaduais, municipais e particulares, para obras e equipamentos, reformas, ampliações e construções de prédios escolares;
8. na suplementação de salário de professores da administração privada;
9. na construção de escolas do Governo Federal;
10. na criação e instalação de novos serviços educacionais;
11. na obtenção de maiores recursos financeiros orçamentários ou de novas fontes;

- 34  
Kubitschek
12. na integração de esforços do Governo e da Indústria Nacional na obra educacional comum;
  13. no incremento à assistência técnica e financeira do exterior;
  14. na diversificada divulgação e intercâmbio cultural no País e com o exterior;
  15. na instalação de Casas do Brasil na França, Espanha e Inglaterra, além da concretização de convênios com outros países.

Não houve esforços a que o Ministério da Educação e Cultura se eximisse, com o decidido apoio do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Assim, múltiplas e variadas foram as ações encetadas na extensa gama de áreas de atividade do Ministério da Educação e Cultura.

## IX

Quanto ao ensino primário, uma das principais preocupações do Ministro, destacam-se:

A Campanha da Educação Complementar, iniciada com a tendência predominante de reter na Escola, por mais dois anos, os adolescentes entre 12 e 14 anos, que não pudessem continuar os estudos após o curso primário, revestia-se da preocupação social de aproveitar tal oportunidade, para ampliar sua educação e prepará-los para o trabalho. Entretanto, havia razões mais sólidas e positivas, em que pese a existência de menores desocupados, numa idade crítica em que devem ser alvo de todos os cuidados. As condições do desenvolvimento social e econômico impunham, urgentemente, a extensão da escolaridade primária. A conjuntura

31  
Adm

e a estrutura social vigentes exigiam uma escolarização mais intensa e a necessidade de harmonizar a formação geral com a preparação para o trabalho. A educação geral não podia mais continuar sendo apenas um exercício e embelezamento do espírito. A educação geral devia, de um lado, servir a todos, criando condições para a igualdade democrática e a informação - ao espírito - de valores universais; todavia, esses valores universais não podem alhear-se das coisas reais da existência, das necessidades práticas, das disciplinas concretas e atuais do Saber, uma vez que, como é de nosso conhecimento, a maioria dos que a freqüentam se encaminha para o trabalho.

Dessa forma, os tradicionais Grupos Escolares seriam integrados sistemática e intencionalmente a Escolas-Parque, com atividades como: artes industriais, educação física, educação artística, auditório, biblioteca, teatro, para que uma complementasse as atividades da outra.

Além disso, era imperioso superar um dos graves problemas da civilização atual, qual seja, o de separar o "saber", do "fazer", a "teoria" da "prática", o "trabalho intelectual", "privilegiado" do "trabalho manual", este - relegado a segundo plano.

O presente estágio de industrialização força a fusão da teoria com a prática, do mesmo modo que o processo de democratização promovia a integração entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

As técnicas abrangidas pelas Artes Industriais: Desenho, Costura, Madeira, Cestaria, Couro, Artes Gráficas, Metal, Tecelagem, Modelagem e Tapeçaria promovem habilitações práticas, criando atitudes e virtualidades, sem

36  
D. M. F.

contrariar a índole do ensino primário, refratário às in-  
tenções profissionalizantes.

Os programas da Educação Complementar de-  
senvolveram-se através de acordo com os Governos Estaduais,  
que permitiram a construção de Escolas-Parque, Centros de  
Demonstração e Pavilhões de Artes Industriais, além da  
formação de professoras, através de estágios com 10 (dez)  
meses de duração.

Ao longo do programa (1957/1960), foram-lhes  
destinados recursos da ordem de Cr\$ 1.128.380,000,00 (um  
bilhão, cento e vinte e oito milhões, trezentos e oitenta  
mil cruzeiros).

Todos os órgãos do Ministério da Educação  
e Cultura foram mobilizados, para prestarem sua colabora-  
ção à consecução dos objetivos pretendidos.

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos,  
com a colaboração dos Centros Regionais, coordenou uma sê-  
rie de cursos destinados à preparação e aperfeiçoamento de  
Diretores, Supervisores, Inspetores, Delegados de Ensino e  
Professores. Tais cursos abrangeram uma vasta gama de ati-  
vidades, distribuídas nos seguintes Programas:

- Aperfeiçoamento de Administradores Escolares e Especia-  
listas em Educação, beneficiando 559 profissionais
- Formação e Aperfeiçoamento do Magistério de Institutos  
de Educação e Escolas Normais, atingindo 416 professores
- Brasileiro-Americano de Assistência ao Ensino Elementar,  
em convênio com o Institute of Inter-American Affairs,  
Point IV
- Preparo de Professores Primários para Escolas de Demons-  
tração e Experimentais, com 154 participantes
- Preparação de Supervisores, Diretores de Oficinas e Pro

fessores de Artes Industriais, com um total de 733 professores bolsistas.

37  
Rouss

Foram realizados os seguintes cursos:

- Educadores de Cegos - Instituto Benjamim Constant
- Aperfeiçoamento de Professores de Jardim de Infância
- Especialização em Jardim de Infância
- Especialização de Professores de Recreação
- Especialização de Professores para crianças excepcionais
- Instituto Pestalozzi e APAE
- Especialização em Arte Infantil
- Preparação de Diretores de Educação Musical e Maestros de Canto Orfeônico.

A par da preparação e aperfeiçoamento dos docentes e administradores do ensino, não poderia ser esquecida a carência de prédios e mobiliário. O apoio financeiro e técnico do INEP, estimulando empreendimentos, sugerindo estudos, controles, renovações e experiências, foi decisivo, através da Campanha de Construções e Equipamentos Escolares.

O quadro abaixo expressa as realizações do quinquênio 1956/1960.

Escolas construídas .....	1.234	- com	3.018	salas
Escolas em construção ...	293	- com	734	salas
Escolas a construir .....	355	- com	791	salas
	1.882	- com	4.543	salas

Esse esforço ingente, contudo, ainda é pequeno, diante do muito que ainda se necessita fazer.

No aspecto do equipamento de Escolas Primárias, foram fornecidos conjuntos de mobiliário para 2.031 salas de aula e firmados acordos para aquisição de mobiliário para 1.093 salas, total de 3.124 salas, ao custo total

de Cr4 74.760.867,00 (setenta e quatro milhões, setecentos e sessenta mil, oitocentos e sessenta e sete cruzeiros).

3 P  
Lima

O problema do analfabetismo da população brasileira tem sido preocupação constante dos líderes políticos e intelectuais brasileiros, sem que se compreendessem suas reais implicações econômico-sociais e políticas.

A fase de mudança econômica do País, no quinquênio 56/60, fez reviver o problema.

Acurados estudos realizaram-se, tendo em vista as peculiaridades brasileiras. Disso resultou ter-se preferido a formulação de um projeto-piloto, experimental, a ser aplicado em áreas delimitadas, em vez de uma campanha de âmbito nacional. Ao serem votadas, no Congresso, os recursos para execução do plano-piloto, recebeu ele o nome de "Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo". Inicialmente, foram escolhidos três municípios para aplicação do plano-piloto, cujas experiências abrangeram:

- a) "escolarização da população em idade escolar primária e reorganização do ensino primário, no sentido de obter maior rendimento escolar;"
- b) "treinamento e aperfeiçoamento do professorado primário, com vistas à reorganização do ensino e, principalmente, à maior eficiência das escolinhas de áreas rurais, onde exerce o magistério um professorado sem formação pedagógica e que, na sua maioria, tem apenas estudos primários;"
- c) "escolarização de emergência (em cursos vespertinos e noturnos) dos adolescentes e adultos analfabetos, que fazem parte da população economicamente ativa das áreas urbanas e rurais;"

39  
Rouff

d) "educação de base (para a saúde, a vida produtiva e a vida cívica) das populações do interior, mediante missões culturais e programas radiofônicos de recepção e audiência organizadas."

Dado o interesse que a aplicação do Plano-Piloto despertou no Congresso Nacional, foi ele estendido a mais 15 outros, espalhados por todo o território nacional.

X

Dentro da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, decadente no princípio de 1.956, deve-se ressaltar o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, no qual se concluiu que deveria haver um auxílio maior e mais direto - do Governo Federal - ao trabalho realizado pelos Estados, e a retomada imediata da ação das populações iguais ou superiores a 2.500 habitantes, partindo-se daí para as populações menores e a zona rural, cuja assistência está a cargo da Campanha Nacional de Educação Rural.

Duas iniciativas importantes merecem referência: OS CENTROS SOCIAIS DE TRABALHO, que atrairiam os jovens, para dar-lhes a técnica e a prática de múltiplas atividades úteis. Para os rapazes - eletricidade, conserto e montagem de aparelhos de rádio e televisão, eletro-química, trabalhos em metal e madeira, fotografia; para as moças - educação doméstica, arte culinária, costura, primeiros socorros, decoração.

SISTEMA RADIOEDUCATIVO NACIONAL (SIRENA).

Dispensando o professor, tal sistema elimina 2 óbices graves: a carência de docentes, no interior do

40  
Rouff

País, e o vulto das despesas com sua remuneração. Criado em 1.975, pretendia alcançar a zona rural e as populações rarefeitas, difundindo a educação de base para adultos analfabetos. Foram elaborados e gravados em discos duas mil lições, dramatizadas, que formam os seguintes cursos:

- Aprenda a Ter Saúde
- Puericultura
- Alimentação Racional
- Agricultura e Pecuária
- Problemas da Vida Diária
- Boas Maneiras
- A Nação e o seu Governo
- Economia Doméstica
- Curso de Leitura para Adultos
- Curso de Escrita para Adultos
- Aprenda a Fazer Contas
- Recreação (novelas)
- Orientação Musical
- Nossa Terra, Nossa Gente.

## XI

O ensino secundário brasileiro atravessava, durante a Gestão do Ministro Clóvis Salgado, sua grande fase crítica. Firmava-se, no povo, a consciência de que o ensino do segundo grau é, para todos, uma continuação necessária do ensino elementar. O pensamento e a realidade educacional do País já não admitiam a sobrevivência do velho sistema da escola elementar, para as massas, e da escola secundária, para a minoria.

41  
Pereira

Dois tipos de dificuldades se antepunham: a de caráter econômico e a de caráter pedagógico.

Na ordem econômica, o Governo abriu novos horizontes, dando início, vigorosamente, a amplo programa de assistência, traduzindo-se em auxílios diretos às escolas, aos professores e aos estudantes.

Na ordem pedagógica, impunham-se: a profunda reestruturação e a completa renovação do regime a que ainda estava preso o ensino secundário, que deveria ser iniciada pelas Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ainda assim, o Ministério da Educação e Cultura pôde cumprir, no ensino secundário, um programa que representava substancial avanço, no sentido da renovação administrativa e pedagógica.

Dentre as medidas determinadas pelo Ministro Clóvis Salgado, podem ser citadas:

1. Financiamento ao Ensino: ampliação da assistência financeira da União aos estudantes secundários, através do Fundo Nacional de Ensino Médio, com a concessão de Bolsas de Estudo.
2. Orientação e Assistência Pedagógica, programa que se concentrou no Aperfeiçoamento de Professores e Aperfeiçoamento da Administração Escolar.
3. Centros de Aperfeiçoamento. Foram criados dois Centros de Aperfeiçoamento das Técnicas de Ciências Experimentais: um - no Estado da Guanabara, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica; outro - em São Paulo, em convênio com o Instituto Brasileiro de Educação e Cultura.

Mereceu particular atenção a uniformização da Nomenclatura Gramatical e da Química.

*42  
Lousf*

A Lei Orgânica do Ensino Industrial, Decreto-lei 4.073, de 30 de janeiro de 1.942, deu grande impulso ao Ensino Industrial, quer seja, situando-o como ramo do ensino médio, com plena equivalência ao ensino secundário, articulando-se, verticalmente, desde a escola primária até a universidade e, horizontalmente, com todos os ramos do ensino médio, quer seja, tirando-lhe a pecha de ensino destinado exclusivamente à recuperação social de menores desvalidos, ou julgados de inferior inteligência.

O ensino industrial foi uma constante preocupação do Ministério da Educação e Cultura, que consubstanciou a reforma proposta pelo Projeto de Lei nº 501-55, transformada na Lei nº 3.552, de 16 de dezembro de 1.959, dando nova estrutura a esse ramo de ensino.

Procurou-se, estimulando a iniciativa privada, adaptar o ensino industrial às exigências da indústria, integrando, estreitamente, a escola e a fábrica. A regulamentação da Lei nº 3.552, pelo Decreto 47.038, permitiu constante adaptação do sistema de ensino industrial às condições geo-econômicas diversificadas e às repentinas modificações do parque industrial brasileiro, submetido a um processo acelerado de desenvolvimento. Pela nova lei, atribuíam-se a administração das escolas de ensino industrial da Rede Federal a um Conselho de Representantes da comunidade, entre os quais 1/3, pelo menos, de elementos da indústria, para assegurar a constante articulação entre a escola e a fábrica.

O crescente desenvolvimento industrial do País, a exigir abundante mão-de-obra especializada, levou

o Ministério da Educação e Cultura a estimular a instituição de novas unidades escolares, firmando convênios com os Estados, Municípios e Entidades particulares.

Trinta (30) convênios foram firmados, para instalação e equipamento de escolas. Entre elas, vale citar, no Estado de Minas Gerais:

- Escola Industrial de Betim
- Escola Industrial de São Sebastião do Paraíso
- Escola Industrial de Diamantina
- Escola Industrial de Curvelo
- Escola Técnica de Ipatinga, a ser mantida pela USIMINAS
- Escola Vocacional e de Aprendizagem de Santos Dumont
- Cursos Técnicos da Escola de Engenharia de Juiz de Fora
- Escola Técnica de Santa Rita do Sapucaí
- Escola Vocacional de Uberlândia
- Escola Industrial de Congonhas do Campo (Cia.Sid.Nacional)
- Escola Industrial de Além Paraíba
- Escola Industrial da Ação Social Santo Antônio (B.Horizonte)
- Escola Industrial de Governador Valadares.

Além disso, o Ministério da Educação e Cultura deu prosseguimento, em ritmo mais acelerado, às obras das escolas da Rede Federal, iniciadas antes de 1.956, havendo reiniciado outras que se achavam paralisadas, como as da Escola Técnica de Belo Horizonte, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, interrompidas por longos anos, obras retomadas graças ao empenho pessoal do Ministro Clóvis Salgado.

A par dessas providências, deu-se prioridade ao aperfeiçoamento de professores, um dos problemas angustiantes do ensino industrial. Foi instalado em Curitiba, com a colaboração do Ponto IV (Comissão Brasileiro-Americana

na de Educação Industrial), um Centro de Pesquisas e Trei-  
namento de Professores do Ensino Industrial.

Graças à orientação do Ministério da Educa-  
ção e Cultura, incentivando o ensino industrial, a matrí-  
cula total nas escolas saltou de 19.751 alunos, em 1.959,  
para 25.549 em 1960. Refletindo a preocupação para o maior  
desenvolvimento dos cursos técnicos, a matrícula nesses  
cursos que - em 1.956 - era de 2.688 alunos, em 1960, atin-  
giu 6.428, o que equivale a um aumento de 139,14%.

Esse aumento significativo das matrículas  
seria progressivamente intensificado, em decorrência das no-  
vas escolas construídas e em construção.

Nenhuma área que mantivesse relação com o  
ensino médio foi descurada pela ação empreendedora do Minis-  
tro.

Também foram alvo de sua atenção e desvelo:  
o Ensino Comercial e o Ensino Agrícola, o Instituto Nacio-  
nal de Educação de Surdos.

Criaram-se as Campanhas:

- Nacional de Educação dos Cegos,
- de Assistência ao Estudante,
- Nacional de Material de Ensino,
- Nacional de Educação Física,
- Nacional de Educandários Gratuitos,
- Comissão de Assistência às Fundações  
Educativas.

### XIII

No quinquênio da gestão Clóvis Salgado, o nú-  
mero de universidades brasileiras elevou-se de 15 para 28.  
Duas universidades estaduais foram federalizadas. Foram au-  
torizados a funcionar 84 estabelecimentos e 218 cursos.

Criou-se uma faculdade de Medicina, e foram federalizados 13 estabelecimentos.

45  
XOUMF

Na área específica da Universidade de Minas Gerais, ao lado das providências e realizações técnico-pedagógicas, conta-se a construção dos edifícios: da Reitoria, do Instituto de Mecânica, do Instituto de Eletrotécnica, da Unidade Residencial para Estudantes e do Estádio Universitário.

No setor das pesquisas atômicas, o Instituto de Pesquisas Radioativas fez inaugurar, a 11-novembro-60, o seu reator nuclear experimental. É o segundo do País, destinado não somente à produção de radioisótopos de larga aplicação na agricultura, indústria e medicina, como também à formação de técnicos especializados em engenharia nuclear.

No campo do ensino superior, entretanto, o feito mais importante da gestão Clóvis Salgado, à frente do Ministério da Educação e Cultura, constitui-se, sem dúvida, na criação da Universidade de Brasília, em moldes modernos, como cumpria que fosse a universidade brasileira atenta ao período nacional que se vivia.

Vai transcrita a mensagem do Governo enviada ao Congresso, na data histórica de 21 de abril de 1960, criando a Fundação Universidade de Brasília, cuja concepção inovava o sistema educacional de nível superior no Brasil:

MENSAGEM Nº 128, de 21.04.1960

"JUSTIFICAÇÃO - A Universidade foi idealizada partindo da preliminar de que seria imprescindível a criação de centro cultural, capaz de prestar assessoramento à alta administração do País, e de que só uma universidade consegue reunir especialistas, em número suficiente, para assegurar, a uma

Capital, condições de trabalho produtivo. Sua organização teve, por base, cuidadosa crítica dos erros e acertos de nossas experiências anteriores. Daí, suas principais finalidades: a de atrair os melhores especialistas brasileiros de todos os campos, assegurando-lhes meios de contribuir para o auto-conhecimento do Brasil e a de exercerem função consultiva junto aos órgãos do Poder Público.

ALUNOS - Não terá a Universidade de Brasília caráter local. Estará aberta a todos os jovens do País, tanto para os cursos básicos de graduação, como os de especialização em nível pós-graduado. Com esse objetivo, deverá ser instituído sistema de recrutamento e de bolsas de estudo, abrangendo todo o território nacional. É seu propósito ampliar o número de vagas no ensino superior, baseando-se no fato de que, anualmente, o excessivo rigor seletivo dos exames vestibulares impede o ingresso de milhares de jovens aptos a integrarem os quadros de nossas escolas superiores; tal impedimento, explicado pela impossibilidade material de as escolas aumentarem o número de vagas. A Universidade pretende, assim, enriquecer os quadros de especialistas do País, apontados como insuficientes, até então, para acompanhar o ritmo do crescimento nacional.

ESTRUTURA - Sua organização será mais simples e flexível que a de nossos moldes habituais. Em vez de aglomerado de faculdades estanques, ela terá, como elemento básico, um corpo de Institutos Centrais, ministrando o ensino e a pesquisa fundamental. E, no escalão superior, uma série de faculdades destinadas à formação profissional. Essa estrutura estabelecerá nítida distinção entre as atividades de formação profissional e pesquisa aplicada, a cargo das faculdades, e a de ensino e pesquisa fundamental, sob a responsabi

47  
Belmont

lidade dos institutos centrais: Assim, a Universidade de Brasília encaminhará seus alunos, inicialmente, aos Institutos Centrais. Lá, complementarão a formação básica indispensável para cada tipo de curso. Terminados os estudos nos Institutos, os alunos, de acordo com o que julgarem ser sua vocação, poderão escolher três caminhos distintos:

- a) prosseguir os estudos em um dos Institutos por mais alguns anos (sairão especialistas em certa disciplina);
- b) dirigir-se à Faculdade de Educação (sairão professores da cadeira em que forem especialistas);
- c) dirigir-se às faculdades (receberão formação profissional completa), onde poderão especializar-se em qualquer das modalidades de formação, algumas inexistentes, até hoje, em nosso ensino superior.

Outra iniciativa importante foi a instalação das Casas do Brasil em Paris, Londres e Madri, estas duas últimas com financiamento obtido através de permuta por café. Por ocasião do lançamento da pedra fundamental da Casa do Brasil, em Madri, com a presença do Presidente da República e altas autoridades educacionais espanholas, proferiu o Ministro Clóvis Salgado um discurso, do qual aqui se transcrevem alguns trechos:

"A minha presença, pois, neste local, não vos deve surpreender, porquanto o progresso que vamos conseguindo, através da ação enérgica e tenaz do Presidente Kubitschek, se encontra fronteiras no campo das realizações materiais, não as encontra no das conquistas espirituais... Governar, bem o sabemos todos, não é tão somente resolver problemas; é, sobretudo, antecipar-se a eles. Para isto, estamos incorporando - aos bens comuns, da Nação, e igualmente às suas responsabilidades - as populações disseminadas pelas remotas zonas não litorâneas, aonde

não chegavam os benefícios e as obrigações do Estado e com o Estado. Nesse aspecto - guardadas as proporções - a tarefa atual do povo brasileiro faz lembrar os esforços da Espanha na Colonização, quando as armas de Leão e Castela, à sombra da Cruz de Cristo, inseriram a cultura renascentista na civilização neolítica da América. Serã por certo menos heróica a nossa missão de hoje; nem por isso, entretanto, é diverso o seu espírito. Igualmente, estamos sendo movidos, tal como na epopéia espanhola de Quinhentos, não por impulso primário inconfessável, mas pela ambição alta e humana de humanizar e altear o homem e a terra, mobilizando-os para o País, para a América, para o Mundo, numa arrancada que invade o sertão esquecido e leva consigo a Cruz e o trator, o médico e a escola, a técnica e a ciência, a arte e a cultura. O espírito que nos anima reflete-se no ato que agora praticamos. Caminhamos, paralelamente, na dinamização da vida espiritual e material... Nosso ritmo poderá parecer mais acelerado, mas é que se compassa na ânsia de recuperação do muito tempo perdido e no esforço multidirecional de alcançar áreas extensas e até então indepassadas. Buscamos, de igual modo, a valorização da terra e do homem, sob a condição de que a terra se mecanize sem se alienar, e o homem não se aliene, nem se mecanize. Para essa preservação essencial, procuramos habilitar a nossa juventude, desenvolvendo-lhe o domínio das técnicas, mas jamais permitindo que ela se desfigure e se transforme em escravo delas. Na base das técnicas está a ciência, mas, em torno desta, há um superior centro de gravitação, que é o homem.<sup>11</sup>

Eis, por suas próprias palavras, o perfil de um grande administrador, de um GRANDE EDUCADOR.

#### XIV

Um artista não é, simplesmente, aquele que pratica as artes. É, antes de tudo, aquele que "vive a arte". E Clóvis Salgado vivia voltado para as múltiplas facetas com que ela se apresenta. Sua sensibilidade artística era claramente identificada em sua maneira de agir e pensar, tanto na vida profissional - um cirurgião "artista" -, como na política, na qual soube - com sua capacidade - galgar os degraus da integridade. Não precisamos realizar, com a pena, o pincel ou o formão, obras-primas da poesia, da pintura ou da escultura. O Verbo também é uma arte e, dela, Clóvis Salgado tirava proveito. Seu estilo era inigualável, ponderado, de idéias claras, cheias de equilíbrio e plasticidade. Seus pensamentos e suas ações em muito contribuíram para que pudéssemos modelar o Homem que hoje consideramos - GRANDE EDUCADOR.

Por longos anos, foi esse ilustre mineiro o baluarte das Artes, porque pensou, escreveu e - o mais importante - melhor falou sobre a Arte. O artista é um homem que demonstra, em qualquer atividade, sua capacidade de equilíbrio, lógica e beleza.

E esta capacidade, Clóvis Salgado a tinha: sua atividade, com o bisturi, lembra-nos Leonardo da Vinci, pintando Gioconda; um Miguel Ângelo, esculpindo Pietã; ou mesmo, transformando seu bisturi em pena - um Cícero, que transformava o Verbo em verdadeiras obras de Arte, tanto escritas, como jornalista; faladas, como grande orador. A tudo isto, foi juntado o pensar e viver a Arte. Clóvis Salgado era vibrátil, como todo artista o é. Conseguiu, com seu pensar e agir, tornar-se capaz de vencer o Tempo que, felizmente, nem tudo destrói.

50  
Rouff

Assumindo o posto de Governador, com o afastamento de Juscelino Kubitschek de Oliveira, convocado pelo partido, para a disputa da Presidência da República, viu Clóvis, a possibilidade de realizar alguma coisa no campo cultural. Tanto que, em 15 de junho de 1955, com apenas 2 meses e meio no exercício, envia a seguinte mensagem à Assembléia Legislativa, na qual, em determinados trechos, deixava transparecer sua preocupação.

"Atendendo a imperativo de ordem social e administrativa, remeti, a essa augusta Assembléia, o projeto de lei que organiza um Departamento capaz de centralizar as diversas e fracionadas repartições responsáveis pela elevação do nível cultural da nossa gente. Isto porque o nosso grau de cultura já estava exigindo uma assistência mais eficiente, por parte dos poderes públicos, a quem incumbe, até constitucionalmente, o indeclinável dever de amparar as atividades nesse setor.

O Estado de Minas, cujas tradições iluminam a história de nossa Pátria, com lições incomparáveis de profunda sabedoria, não poderia, neste adiantado estágio em que se encontra a cultura humana, prescindir de um Departamento de Cultura, com a finalidade de estimular o gosto pelas artes e apoiar as iniciativas de ordem intelectual."

"... o Governo, no propósito de cultuar a memória dos Inconfidentes Mineiros, e em respeito às tradições cívicas e culturais (hoje, 1984, quase que - se não todas - mas grande parte desaparecidas) de nosso povo, transferiu-se para a antiga Capital do nosso Estado, no período de 17 a 21 de abril, instituindo, ali, o I Festival de Ouro Preto."

Com essa iniciativa, cuja repercussão se fez sentir em todo o País, além de dar relevo à importante data de 21 de abril e prestigiar, junto ao povo, os grandes vultos da nossa História, rememorando os seus feitos maiores, o Governo acrescentou, às finalidades cívicas das comemorações de Ouro Preto, um sentido eminentemente cultural, realizando, 133 anos depois, um desejo dos Inconfidentes, que escolheram Ouro Preto como cenário, pelo motivo, entre outros, de ser - Ouro Preto - uma cidade cultural, onde se instalara a primeira Universidade do Brasil.

Ainda no plano das realizações em prol da cultura mineira, o Governo celebrou um convênio com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no sentido de se concluírem as obras do Teatro Municipal - há muito paralisadas.

Mediante esse convênio, obrigou-se o Estado de Minas, conforme projeto de lei, já aprovado pela Assembléia Legislativa, a concorrer, naquele seu exercício, com a importância de cinco milhões de cruzeiros, para início de trabalhos, devendo contribuir, nos exercícios seguintes, com dez milhões de cruzeiros anuais, até o término das obras.

O ato seguinte seria a implantação da FUMA, há muito desejada pela sociedade belorizontina, escola esta transformada em FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE MINEIRA DE ARTE "CLÓVIS SALGADO" (FUMA). Foi também, nesse período, que nossa Escola Superior de Música teve seu maior desenvolvimento.

Estas foram, sem dúvida, as primeiras preocupações de Clóvis Salgado. Mas nada disso adiantaria, se - paralelamente - não fosse resolvido o problema do ensino,

52  
Gomes

não são primário, mas secundário e superior. O sentido de progresso estava sendo substituído por desenvolvimento, e desenvolvimento só se faz com educação. O problema educacional ganhou tamanha densidade, que seria erro omiti-lo ou mesmo torná-lo de menor importância. O progresso material, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, o ritmo apressado da vida moderna, a exigirem, a cada passo, novas formas de adaptação e comportamento individuais, concorriam no sentido de colocar a Educação no mesmo plano - ou superior - das responsabilidades estatais de maior importância.

Segundo Clóvis Salgado,

"A Educação é um processo de elaboração lenta e de influência nem sempre imediata no complexo social. A demora na colheita de seus frutos costuma desinteressar os sôfregos, a saber, todos quantos, sob o embate do cotidiano, anseiam por obra perfeita e acabada, dentro dos limites estreitos do simples utilitarismo ocasional."

Dizia, ainda, este grande Artista da Educação:

"A formação da infância e da juventude sempre constituiu preocupação fundamental dos Governos, pois somente cidadãos esclarecidos poderão realizar obra de verdadeira integração democrática; mas, para exercer esta Educação, não basta instalar escolas, provê-las de professores e de material, se, paralelamente, não se lhes der assistência e orientação. Tais escolas importam, não raro, apenas em aumento de despesas, quando o seu rendimento deixa de corresponder ao sacrifício imposto aos cofres públicos.

Urge, portanto, atentarmos para a melhoria da qualidade do ensino, assegurando, aos escolares, maior aproveitamento, tor

53  
Kunst

nando-o, em consequência, menos dispendioso. As responsabilidades reais do seu custeio não poderão ter resultados inúteis, por suas deficiências ou por constituir-se apenas obra de fachada, ou meramente preparatório de verbalismos vários!

Ao assumir o Governo, encontrou uma Educação que - pela complexidade e multiplicidade de assuntos afetos àquela Secretaria - reclamava providências de caráter tal, que não poderiam mais ser proteladas. A contratação de pessoal especializado, para a Orientação e Supervisão dos trabalhos técnicos, era uma necessidade atual. Dentro da estrutura que implantaria, ou melhor dizendo, da Reforma que proporia, os problemas advindos ficariam afetos ao Departamento de Cultura, aliados aos demais problemas, tais como: racionalização e simplificação do ensino; direção técnica consciente; seleção de livros didáticos, que não primem pela multiplicidade; padronização das medidas destinadas a aferir o rendimento escolar; estímulo à criação e manutenção de instituições imprescindíveis à escola moderna, como bibliotecas pedagógicas, bibliotecas infantis, jornais escolares, divulgação do que há de atual na ciência da educação, sem exotismos inadapáveis ao meio, através da "Revista do Ensino" e dos programas de radiodifusão educativos.

Esta reestruturação proposta viria abrir largos horizontes aos inteligentes e idealistas mestres mineiros.

Realmente. Era um plano de reforma necessário à sua época, porém muito mais necessário aos nossos dias atuais.

Como Governador, tomaremos a liberdade de

*Jy  
Salgado*

não enumerar seus feitos, tanto aqueles voltados para as artes, (apoio integral ao Canto, Teatro, Pintura), como os referentes à educação, ou sejam: as aberturas e ampliações de escolas, bibliotecas e outras instituições, que constituem excelentes auxiliares do trabalho escolar visando - cada um por sua vez - a um fim comum: a formação de hábitos morais e sociais, de atitudes e ideais, despertando sentimentos e criando situações adequadas ao desenvolvimento de virtudes e qualidades necessárias ao indivíduo, como membro ativo e útil da comunidade.

Esta é uma das inúmeras pinceladas do perfil, singelamente delineado, daquele que soube - com uma fidelidade inflexível dos seus princípios cívicos e morais, com o vulto incomensurável do seu Saber e o alto teor de sua inteligência, sempre voltada para o bem comum - marcar e demonstrar que a matéria morre, mas as idéias são imortais, tanto que - com o passar do Tempo - mais vivas se tornam, transformando-se em exemplos vivos para todos nós.

Não fosse Clóvis Salgado um artista, como poderia pintar, com suas palavras cheias de colorido, um quadro realista da importância da Educação mineira no cenário nacional? Não fosse Clóvis Salgado um poeta, como poderia dar forma a seus pensamentos e a suas idéias medidas e harmoniosas? Não fosse Clóvis Salgado escultor, como poderia modelar, com facilidade uma imagem imortal: a da sua própria glória, herança para todos os brasileiros que, como ele, voltados para o BEM, traçam novos caminhos?

Foi, sem dúvida, um GRANDE EDUCADOR BRASILEIRO!!!

ST  
Kunst



56  
Jouff

O educador revela, na manifestação perene da didática do exemplo, as virtudes assinaladas pelos geniais pensadores da antigüidade clássica, que caracterizam a índole e personalidade dos membros da sua linhagem. Ao destacar Aristóteles as energias que impelem a vocação dos condutores de gerações, exaltava a moralidade dos atos, a comunicação das idéias e a decidida determinação de colocá-las em prática, registrando-as nos termos "ethos", "logos" e "pathos", que se tornaram raízes de toda uma linguagem edificante de abrangência universal.

Esta tríplice insinuação do carisma, incorporada no modelo vivo, atrai o sentimento, a razão, o entusiasmo e a admiração dos semelhantes, levando-os à identidade de argumentos e posturas com a figura liderante da qual se acercam, transformando-a, mais pela aceitação das suas autênticas lições de vida do que por qualquer ornamento impositivo de erudição, no orientador iluminado de muitas das suas condutas. Não há quem não tenha, na memória da sua formação, pelo menos, uma personagem dessa inspiradora estirpe.

Nem todo educador colhe, na existência, oportunidades de se fazer expoente em vários campos de atuação. Nem por isto, deixa de afirmar presença da maior relevância na área singular do seu magistério.

Há, no entanto, os que são convocados pelas circunstâncias de tempo, modo e lugar, além daquelas decorrentes das fases de intensas transformações na sociedade, para a tarefa, como predestinada, de se submeterem aos severos desafios da opinião pública, em dimensões nacionais e até internacionais.

57  
Kauf

Pela natureza dos seus estímulos pessoais, o educador cultiva - na intimidade do seu ânimo de motivar o avanço cultural e dignificante dos que dele se aproximam - o ideal da perfeição. Imagine-se, em consequência, a que ponto será levado o ímpeto aperfeiçoador, completamente diverso daquele excitado pela compulsão perfeccionista, quando tem a alma comovida pela sensibilidade estética, impregnando cada manifestação das virtudes e energias antes proclamadas.

É no conhecimento racionalizado que busca o equilíbrio entre as forças emotivas e as intelectuais eficazes. Já seria muito deter-se e aprofundar-se no campo educacional específico, dele extraíndo a sabedoria pedagógica. Considere-se, então, aonde podem ser conduzidas e até onde podem ser elevadas as conquistas do saber educacional, quando a ele se aliam a profundidade e o rigor de outro conhecimento de ordem científica, alinhado a estudos e pesquisas, como o requerido pela salvação física da vida humana, principalmente, aquele que fecunda o labor de amparar o nascimento de uma criança, preservando a mãe de qualquer distúrbio molesto, que possa transpor a alegria e esperança para um penoso fardo de sofrimento.

Admita-se, pois, quanto contribuirá, para a configuração da personalidade do educador, um estado profissional que amplie os horizontes das suas atividades, frente aos discípulos e perante toda uma sociedade. Foi o psicólogo Spranger quem deixou expressa a verdade que todos os trabalhadores experimentam, em maior ou menor grau: "Não sou eu quem possuo a profissão, antes, ela é que me possui."

A disciplina profissional equilibra ainda

mais os preciosos dons da afetividade. A Medicina, por exemplo, educa na confiança dos consultórios, na generosidade das visitas, na assistência aos leitos, na solidariedade das enfermarias, na busca dos laboratórios, na tensão das cirurgias e, sempre dramaticamente, na luta pelo restabelecimento da saúde.

Um degrau, ainda, neste repertório de conjugação extraordinária de qualificações, muito ao sabor da notável imagem de Ortega y Gasset, ao declarar conformadamente o seu "yo soy yo y mis circunstancias."

Atribui-se, ao sábio Einstein, uma tirada de certo humor, bem do seu feitio, envolvendo a franqueza da sua convicção. Alguém lhe teria perguntado, no estilo que enfada e espanta personagens ilustres: Mestre, existe alguma coisa mais difícil do que a Física? E ele, imperturbável e decisivo: Claro que existe. A Política.

Há pessoas, e são inúmeras, que cultivam as questões políticas como ingredientes de apetecível prato diário, com o qual alimentam, solitária e descompromissadamente, o prazer de se verem ligados pelo noticiário, pela crônica, pelas ascensões e quedas, pelas intrigas, pelas competições, ao cotidiano das batalhas nas comunidades, no país e no mundo. Chegam a radicalizar opiniões, sustentando intermináveis conflitos com gregos e troianos não participantes dos seus pontos de vista. Cumprem os seus deveres de voto e vivem, em particular, os negócios do governo e da administração, sem nunca terem penetrado um ou outro setor. Trata-se do natural e amplamente difundido amadorismo entusiasta, importante sem dúvida nas manifestações do grande público.

Na prática, entretanto, essa teoria política

de caráter um tanto lúdico é extremamente outra. O político de partido é sempre protagonista da cena, nunca descompromissado expectador. Do seu desempenho depende a sorte da sua facção e dos seus correligionários, ademais da sua própria pele.

Reflita-se, por conseguinte, no papel que pode desenvolver um educador, lançado a postos públicos vanguardeiros, pelo compromisso ostensivo com a política partidária.

Esse painel - composto com as linhas de referência demarcatórias dos vários planos ascendentes da carreira profissional, sempre inspirada pela inabalável vocação do educador e estadista - servirá de tela de fundo para a projeção do seu pensamento, expresso em suas próprias palavras.

Assim, a sequência de pontos, esboçada apenas, assumirá a ampla perspectiva das suas fundamentadas reflexões, na postura firme e inquebrantável do convincente idealista, cidadão presente em todos seus deveres, profissional da mais elevada categoria, cientista dedicado à vida saudável dos semelhantes, titular do magistério universitário, político atuante, homem público dos mais conceituados e detentor do Poder, pelo voto dos seus conterrâneos, nos cargos de maior envergadura do governo estadual e federal. Sempre e acima, no entanto, Médico e Mestre.

O fio do pensamento - como aquele retorcido pelas mãos amorosas de Ariadne, que tantas vezes na vida haverá de orientar os avanços e retornos no labirinto das múltiplas decisões de uma existência - começa a definir-se e assumir versatilidade de efeito multiplicador já na infância, no trato reflexivo da sua individualidade

com a diversificação de pessoas, coisas e fatos <sup>que</sup> movimentam o seu pequeno-grande mundo de necessidades, descobrimentos e relações. Nesse Universo, em cujas órbitas de desenvolvimento penetrou Piaget, com os únicos recursos experimentais de aguda observação sistemática das condutas, plantam-se as sementes da formação evolutiva, que germinam na juventude e fecundam as searas da maturidade. Destemirante das experiências acumuladas, reflete o homem feito sobre a linha da sua formação.

"Todos nós guardamos, na memória agradecida, lembranças dos anos que aqui vivemos, estudamos e sonhamos. O colégio ensinava e fazia pensar. O ensino era o que de melhor qualidade se oferecia, no plano secundário, àquele tempo. Com a distância dos anos e a experiência ulterior, posso garantir que era, de fato, excelente.

A Matemática recebia cuidados especiais, e nela encontrei o melhor campo para o meu espírito, inclinado às construções lógicas e progressivas. Recordo-me sempre, com gratidão, de Paiva Coelho, Miguel Calmon e Salatiel de Queiroz, que me desvendaram os segredos da Aritimética, da Álgebra e da Geometria. Maximino Maciel e Mário Barreto pontificavam, para o Brasil, a boa gramática e a boa linguagem; Isnard Dantas Barreto, inteligência luminosa, mostrava-nos, maravilhados, a evolução e o constante progresso do espírito humano, em direção ao Saber e à Liberdade. Augusto Severo era o correto professor de Química, e Heitor Cajati - o amável mestre do Desenho Projetivo, mas nos impressionavam muito mais com suas doutrinas positivistas. Há um mundo congoscível físico, acessível à investigação científica. Ha outro: incognoscível, metafísico, além da possibilidade da ciência, que é o domínio da fé que

se deve respeitar. Essa divisão nítida traz tranquilidade ao espírito, situando os fenômenos em campos próprios, evitando possíveis conflitos. A ciência investiga as leis da natureza, aplicando os conhecimentos adquiridos, em benefícios da ua melhor adaptação do homem ao meio físico. A distribuição e o emprego das forças e dos bens produzidos pela ciência do homem é o domínio da moral, da fé e da política. Mas não quer que se abandone a investigação da natureza do homem e da origem de suas ações, pela Psicologia, pela Sociologia, pela Economia e pela História. Desde que os métodos rigorosos demonstrem relações constantes, a lei será aceita até nesse domínio mais delicado e menos acessível. O que a razão pura demonstra como certo passa para o campo da ciência, como conquista definitiva do espírito humano e base para futuras construções. Assim, nossos mestres estimulavam as inteligências moças, para pensarem por conta própria, criando o amor ao estudo e ao conhecimento que, no mundo socrático, é a fonte do bem.<sup>11</sup>

Despontam na alocução os elementos de juízo, dominantes no espírito do educador, ao evocar episódios significativos da mocidade. Conjugam-se, então, as tendências para as construções lógicas e progressivas, a forte impressão deixada pelas idéias positivistas dos seus mestres de Química e Desenho Projetivo - maior do que o próprio conteúdo das matérias -, a repartição nítida entre a investigação científica e o respeito pelos mistérios da fé, a visão abrangente das disciplinas exatas e sociais.

Há um detalhe expressivo neste seu discurso aos antigos colegas do Colégio Militar, discurso este que deixa entrever componentes de devaneio, sempre tão próximos das cogitações essenciais, as quais fornecem elementos de

grande significação ao entendimento dos seus traços pessoais.

62  
Setembrino

"Deslumbrado, vi de perto o Rei Alberto e a Rainha Elizabeth, heróis que todo o mundo celebrava. Minha maior emoção foi co mandar o batalhão do Colégio, na PARADA DE 7 DE SETEMBRO, de 1.923: o desfile da tropa garbosa pelo Campo de São Cristóvão, a saudação ao Presidente da República, de espada alçada e ao galopar do cavalo. Não foi só: meus velhos pais, cheios de orgulho deixaram a pacata fazenda, na mineira Leopoldina, viajaram horas e horas para assistirem à vitória do filho. Belas recordações que o tempo não apagará. Na parede da sala de visitas da nossa velha fazenda, meu pai mandara afixar, com grande orgulho, uma folha da Revista, onde se via o fi lho ao ser condecorado, diante da tropa formada, pelo Gene ral Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra. Guardo, com carinho, aquela condecoração de prata. A de ouro, a medalha de Caxias, o Colégio está ainda a me dever. Entregue sempre a 6 de maio, na festa de aniversário, em que se cultua a me mória do benemérito fundador, Thomaz Coelho, deixou de sê-lo, porque a festa foi suprimida. Ao nosso paraninfo Isnard Dan tas Barreto, não se devia nem se podia dar a oportunidade de falar. A revolta militar que abalou o Governo de Arthur Ber nardes teve esse reflexo dentro do Colégio."

Importante, assim, fixar a declarada vaidade no deslumbramento moço, frente aos reis, no comando do ba talhão de alunos, no garbo da continência, no domínio do corcel e na recepção da Medalha de Prata. A referência in contida à Medalha de Ouro, cujo recebimento não lhe foi permitido, pela supressão da festa no momento de grave cri se nacional, leva-o a emitir conceitos relativos ao cerce amento da liberdade de opinião, especialmente ao mencionar

o impedimento imposto à palavra do paraninfo, aquele professor que tanto admirava. Em torno do quadro evidentemente traçado com a tonalidade de reconhecido orgulho pelas vitórias estudantis: a lembrança terna e admirável dos velhos pais, provindos do interior, da longínqua fazenda, em cuja sala fizeram estampar a prova pública da conquista do filho. O requinte da cerimônia, no maior centro do País, em contraste com a singeleza mineira do rincão natal, ambos rememorados com igual devoção e encantamento, insinuam aquela esplêndida conformação da alma provinciana que vence na cidade grande. Forma-se a legítima figura da auto-segurança, construída na dura peleja, orgulhosamente simples pelas origens, e conscientemente orgulhosa pelas escaladas, firme ao olhar dos poderosos e enternecidamente suave, no contato com os modestos.

As raízes do pensamento, se assim podem ser chamadas as bases da ideologia pessoal, estão bem caracterizadas nos termos e proposições dos trechos citados, amostres apenas das suas crenças e determinantes rumos do futuro.

## XVII

Há sempre um lado de grandeza na confissão da fragilidade humana, principalmente, quando sincera e comunitária, partida de quem alcança elevadas posições em semelhante companhia. Ao tomar posse na Academia Nacional de Medicina, o pensamento que inspira a solene palavra é o da Profissão de Fé nos momentos de vacilação, como sugere o título do discurso.

"Muito devo às almas irmãs que o destino colocou em meu ca  
minho. Delas recebi dom mais precioso que a prata e o ouro.  
Deram-me o calor de sua amizade. Estenderam-me o braço, nas  
horas difíceis. Animaram-me com palavras de fé, nos momentos  
de vacilação. Consolaram-me nos lances penosos. Aplaudiram  
com efusão as vitórias alcançadas. Amigos prestimosos da in  
fância descuidada, da juventude sonhadora e da maturidade  
sensata, eu vos recordo com ternura e gratidão, pelo que me  
destes sem reserva. Eu vos encontro em toda parte, amáveis  
e generosos, facilitando a minha caminhada.

Tantos são os credores de minha gratidão, que seria abusar  
de vossa paciência convocá-los a todos, nesta noite. Teria  
que dirigir uma palavra que fosse a todos os meus saudosos  
mestres da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qu  
dra de 1924 a 1929, responsáveis pela minha formação. Na in  
possibilidade, resumo a todos na figura querida e inesquecível  
de José Alves Maurity Santos, que me guiou os primeiros  
passos pelas estradas encantadas da cirurgia e da gineco  
logia operatória.

Maurity era - para nós - um modelo a ser atingido, um quase  
deus, senhor da vida e da morte. Discípulo de Jean Louis Fau  
re, sua ginecologia operatória era de largos gestos e impres  
sionante rapidez. Em uma época, em que a anestesia era bas  
tante precária, a transfusão do sangue - rara e perigosa; e  
a infecção - ainda perigosa, compreende-se que a rápida con  
clusão do ato operatório tivesse capital importância no re  
sultado final da intervenção. Engana-se, entretanto, quem  
pensar que a rapidez de Maurity Santos dependesse de gestos  
bruscos, apressados e perigosos. Ao contrário, resultava de  
perfeito conhecimento anatômico, do uso de instrumentos ade  
quados, da habilidade em manejá-los e da adoção de uma condu

64  
Santos

ta lúcida e decidida, em face do caso concreto. Ouçamos Jean Louis Faure: "Simplicidade operatória, eis o fim supremo, ao qual devemos dirigir todos os nossos esforços. Não é necessãria - para alcançã-la - uma destreza particular. É bem mais com a cabeça do que com as mãos que se faz uma operação, e a primeira condição, para conduzi-la com desembaraço e simplicidade, é concebê-la claramente. Mas não é, de forma alguma, necessário apressar-se para operar rapidamente. É bastante não perder tempo com manobras inúteis. Afirmei-o muitas vezes e demonstrei-o pelo exemplo, ainda mais: "Pour aller vite, il faut faire ce qu'il faut, ne faire que ce qu'il faut, et le faire quand il faut." Doente que dorme é doente que sofre; doente com o ventre aberto é doente exposto a toda sorte de perigos. Esforcemo-nos para que sofra o menos possível e cuidemos de reduzir, ao mínimo, os perigos que possa correr!" Permaneci, como auxiliar de Maurity Santos, durante dez anos. Em seu Serviço, colhi os elementos para minha tese de doutoramento - Do Tratamento das Afecções Cirúrgicas do Cólon. Sob sua direção, preparei-me para a Docência Livre da Clínica Ginecológica, alcançada em 1.935. De suas mãos - saí, em 1.936, para disputar a Cãtedra de Clínica Ginecológica da Universidade de Minas Gerais, vaga com a morte do saudoso professor Hugo Werneck, a quem tive a honra de suceder. A um tempo, herói e mártir de uma causa que lhe pareceu sagrada, pela sua comoveñte destinação humana - a causa divina da cirurgia benefazeja."

Vê-se que considera o exemplo como a linha direta da transmissão do modelo educativo. De quem teria Jean Louis Faure herdado o bem de fazer a bondade com o gesto destro, no tempo preciso, guiado por lúcida cabeça, sem pressa, mas com a preciosa urgência de reconduzir o pa

ciente à capacidade do seu próprio restabelecimento? Terá sido outro e consciente mestre, da mesma forma que ele o foi para o Professor Maurity Santos e, este - para o mestre aqui focalizado. Nessa gloriosa corrente, cada elo transcendental de orientação e saber terá sido privilégio do cérebro e generoso coração, desde a origem da comunicação do "bem pensar" e "bem fazer", situada no ponto infinito do "princípio era o Verbo", interpretado por Goethe - como símbolo ordenador das ações construtivas do gênero humano.

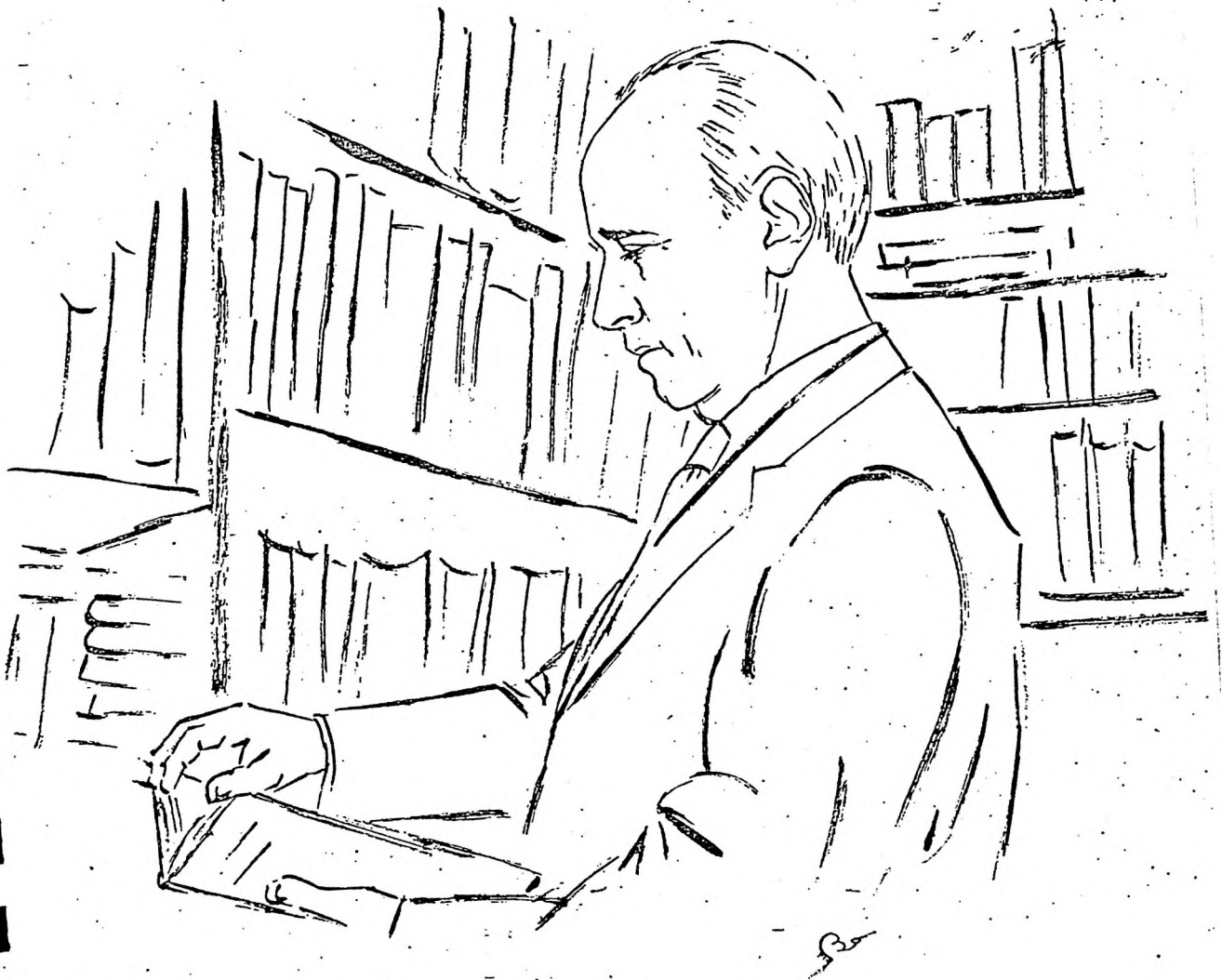
Em segmento mais prático, o da economicidade vitalizadora, observa-se que o bom seguidor de tão solidária experiência, entre médico e paciente, será também premiado com mais tempo para ampliar seus estudos e tarefas, não raramente proporcionando-lhe condições necessárias para outras missões de similar nobreza.

#### XVIII

A esplêndida concepção de Rodin - para a celebrada estátua do Pensador - exhibe um homem forte, integralmente tomado pela atitude contemplativa. Não há dúvida de que a postura representa a típica feição da criatura posta a pensar. Outra seria a conformação, se tivesse - o notável escultor - buscado inspiração no contexto do ser humano inflamado pelo estilo indagativo de pensar. E, naturalmente, outra ainda seria a compostura, se desejasse manifestar todo o poder do pensamento imantado pela atração de construir o mundo externo ou de nele intervir.

Partindo de uma estrutura racionalista e lógica, mesmo que a força da disciplina tenha absorvido su

67  
xllw



gestões versáteis do gênio afetivo, evolui a linha de expressão do Médico e Professor, no rumo predominante das formulações construtivas. "Reivindicações de Minas", palestra pronunciada em Forum Econômico (janeiro de 1.956), aponta claramente tal direcionamento.

"Organizado pela Federação das Indústrias de Minas Gerais, sob a sábia direção do industrial Lídio Lunardi, aqui trouxe, a esta tribuna de honra, nomes de grande relevo nos meios econômicos, políticos e sociais. A financeira foi a perspectiva, através da qual se focalizaram os problemas estudados. Mas, como todo fato humano é por demais complexo, fugindo a uma esquematização simplista, outros ângulos das questões foram fixados, dando-nos, assim, uma compreensão mais ampla da nossa conjuntura social. Já Proust observou que o problema da perspectiva é fundamental no julgamento. Um mesmo fenômeno pode ser visto de diferentes maneiras, dependendo do ponto em que se coloca o espectador. Se olharmos, como acontece ao nosso século, todos os fatos sob o prisma econômico, acabamos por achar que o fator econômico preside a toda a história. Da mesma forma, se nos pusermos a observar esses fenômenos através da perspectiva cultural, concluiremos que só o espírito vale, que só o espírito constrói e que só ele sobrevive à ação destruidora do tempo. Não se pense, porém, sejam essas perspectivas antinômicas: elas, ao contrário, valorizam-se e se completam. Em momentos de crise, como a atual, o fator econômico, que representa a infra-estrutura, tem prioridade, dependendo - de sua solução - o bem-estar geral. Uma vez, porém, resolvida a crise, volta o fator cultural a ter a primazia. O mundo atual é como um grande edifício, cuja estrutura está cedendo a um peso excessivo. Tudo deve ser feito para revigorar essa estrutura, através de bases mais

sólidas. As classes superiores da sociedade não são, evidentemente, as improdutivas que vivem no luxo e na ociosidade, mas as que laboram naquele campo em que o espírito humano produz obras contra as quais, como diz Nietzsche, em vão prova o tempo os seus dentes destruidores.

Não vim aqui, porém, para fazer uma filosofia da história, nem para criticar os sistemas econômicos. O meu objetivo é muito outro. Quero transmitir, a esta ilustre e compreensiva casa, as observações que me ocorreram nestes dez meses em que, graças à confiança do povo mineiro, tive a honra de presidir os destinos do nosso Estado."

Ao fazer o corte do plano reflexivo para entrar direto no fato da sua mensagem, mostra, na idéia de não ter vindo ao fórum para digressões e, sim, para observações ocorridas durante o período do seu governo, a típica conduta de quem não pode deixar de sentir os princípios da formação, mas não pode permitir-se delongas quanto a tratar concretamente dos assuntos primordiais para a ocasião. Já é um pouco do espírito de avanço que, traduzindo inclinações particulares, haveria de empolgar grande parte da década dos anos sessenta. Novamente se vê a idéia incendiando o ânimo, ao dirigir-se novamente aos industriais, em 1.957, já agora focalizando o tema "Educação para o Desenvolvimento".

"Aceito a intervenção do auditório em qualquer fase da exposição. Poderão interrompê-la com apartes e também prorrogá-la, ao seu término, até o limite da tolerância da presidência e da nossa resistência física. Quero conversar com os ilustres membros desta Federação, em mesa redonda, como amigos e iguais, pois nosso único e comum desejo é acertar, e dirigir nossa ação pelo rumo dos altos interesses da comuni

70  
Lousf

dade brasileira. Cumpre-nos, a todos, governantes e governados, elite e povo, servi-los com devoção e trabalho. Não vou discutir aqui qual a melhor educação. Seria um problema filosófico de complicado entendimento e sem adequação aos nossos propósitos, mais voltados para a ação do que para a doutrina. Vamos procurar a educação que mais convenha ao Brasil atual, que faça da escola um elemento ativo para resolver os nossos problemas e conduzir-nos pela estrada do progresso. Ninguém contesta que o Brasil seja um país novo, em fase de crescimento. Esse crescimento encontra, pela frente, obstáculos sérios a serem vencidos. Os estudiosos do nosso desenvolvimento econômico dizem que o Brasil apresenta vários pontos de estrangulamento na sua estrutura. São fatores negativos que retardam, se não impedem o curso normal do nosso conhecimento. Entre estes, convém situar, com destaque, a falta de adequada preparação do homem para as tarefas que o estilo da vida moderna dele reclama. Não é simples capricho ou mera fantasia o programa de desenvolvimento econômico que o atual governo se traçou. É uma imposição da fase histórica que o Brasil está vivendo. É uma contingência fatal, que independe da vontade dos governantes. Resulta da pressão de vários fatores, atuando no mesmo sentido, como uma força irresistível. Temos de realizar verdadeira mutação orgânica, que será a nossa emancipação econômica, instrumento da nossa afirmação como povo livre, soberano e respeitado. Já enxergamos ao longe essa terra da promessa, mas, para sermos dignos de penetrar o seu território, será preciso conquistá-la com o nosso trabalho, a nossa inteligência e a nossa devoção."

Ministro a essa época, é com a disposição de trocar idéias e debater livremente opiniões que se coloca frente aos empresários do país, incentivando-os a inter

vir na exposição, interrompê-la, quando julgassem oportuno, e estendendo-a por quanto tempo fosse necessário ao inteiro esclarecimento dos objetivos do encontro. Frequentemente se refere aos dois pólos sociais da elite e povo, mas sempre que o faz é com a preocupação explícita de convocá-los para trabalho comum, embora registre francamente seu parecer sobre o papel de cada extrato social. Não alimenta ilusões demagógicas sobre a matéria e também não vê razões para examinar, com os homens práticos das empresas, os meios doutrinários e filosóficos da educação. Diz-lhes, sinceramente, que seria complicado o entendimento e adota o roteiro de buscarem juntos o lado visível da instituição educacional que mais convenha ao país, à escola, que se torne elemento ativo para resolver nossos problemas e conduzir-nos a caminhos de progresso. Não vê saída que não seja a da marcha evolutiva dos brasileiros, na fase em que o Brasil estava vivendo. Julgava-a contingência fatal, independente da vontade dos governantes, razão pela qual cada um teria de preparar-se adequadamente para conquistar a emancipação econômica, soberania e liberdade. Em reflexões anteriores, já havia recorrido à imagem de Proust sobre o ponto de fuga da perspectiva, no julgamento dos fatos humanos. Este, o motivo pelo qual, certamente, considerando o momento decisivo de transição nacional, tomava o ponto de vista econômico para a análise da educação conveniente, acentuando a adequada preparação do homem para as tarefas da vida moderna, sabendo, sem dúvida, como ele mesmo frisou, que o próximo lance caberá ao primado da cultura.

Conquanto manifestando o que considera obrigatório conformismo perante a força irresistível de pressões estruturais, de estrangulamentos pressionantes, de

crise de crescimento, lembra, porém, o fenômeno biológico da mutação orgânica, para com uma figuração das mais expressivas no cenário da natureza, retornar ao traço de otimismo que haveria de nutrir as futuras contribuições, primeiro atribuídas à idéia do progresso e, logo adiante, à do desenvolvimento.

"Terã que fazer como a lagarta, que rasteja comendo as folhas vizinhas e que um dia se concentrou sobre si mesma, apoiou para todas as suas energias, transformou a própria estrutura orgânica, rompeu o casulo da pobreza e partiu, vistosa borboleta, para a ventura gloriosa da vida, nas asas que conduzem às alturas dos frutos."

## XIX

A idéia de progresso, na humanidade, tem, naturalmente, associação com os fenômenos biológicos do crescimento e maturação dos seres vivos, possivelmente despertada na consciência dos homens pela indução das observações feitas sobre determinados avanços da espécie, na superação de desafios opostos às suas necessidades por obstáculos originais e inesperados.

Spencer e Darwin - com suas teorias evolutivas, nas quais evidenciam os fatores provocantes das transformações e mutações, identificados na luta pela sobrevivência e seleção conseqüente dos mais aptos - devem ter inspirado as mais remotas reflexões sobre a transferência dos seus achados-do plano efetivo da natureza para o mesmo objetivamente avaliável dos fatos sociais.

Quem assume a pioneira responsabilidade de desvendar o ainda místico poder de avanço, movimento ou marcha para a frente das sociedades, é Condorcet, com a sua

obra "Tableau du Progrès de l'Esprit Humain", acompanhado por Turgot, no "Discours de la Sorbonne."

73  
Luis

Augusto Comte elabora o tratado sistemático da vida humana em comum e dos acontecimentos que se operam no intercâmbio das presenças e ações das pessoas ligadas por ambiente, meios e modos de vida, conformadores de traços característicos do seu agrupamento. Essa cultivação de diferenças individuais, inclusive as fortes variantes da idade, no mesmo espaço e tempo, gera os instrumentos de controle coletivo pela força dos costumes. Afirmados por uma hierarquia de poder físico, amenizam-se, aos poucos, os rigores pela verneração aos mitos engendrados pela própria defesa associativa. Esta pequena abertura, no rígido código dos comportamentos, admite escassas e tímidas fugas aos instintos controladores da conservação, suficientes, entretanto, para o descobrimento de novas e possíveis formas de vida e conduta. São as aventurosas experiências que desvendam outras faces e feitiços de existência, recompensando sacrifícios e esforços dos ímpetus de libertação.

Compreensível, portanto, que o progresso, identificado como conquista de diferentes e melhores condições de vida em sociedade, não tivesse sentido explícito na antigüidade, uma vez que cada povo, fortalecido pelas vitórias guerreiras, sentia-se dono do mundo da sua época e perfeitamente compensado pela organização interna do seu universo. Mesmo a fulminante rebelião bárbara sobre os impérios civilizados recaiu à moda dos velhos tempos, em outros tantos, aculturados no estilo da nobreza, do clero e do povo. Embora passando os povos pela Renascença, Reforma, Descobrimientos e Invenções, apenas experimentaram mutação radical nos cruciais desdobramentos da Revolução Francesa.

O dístico de fraternidade, componente dos fins revolucionários, constituía uma ligação, generosa e um tanto conservadora, com os traços civilizadores do passado. Mas "igualdade e liberdade" representavam, sem dúvida, a ponte para o futuro independente das nacionalidades e, nelas, uma nova ordem de classes, alcançando, posteriormente, até ideologias da completa abolição de todas e supressão da propriedade individual.

A Grande Enciclopédia Francesa e outras que a seguiram, até praticamente a metade do século atual, fazem do termo "progresso" o mensageiro de todo o espírito inovador, aperfeiçoador, avancista, colocando-o no pedestal da intelectualidade, muito acima de qualquer preferência pelas aquisições materiais.

O movimento republicano brasileiro corresponde, notadamente, a esse impulso de ardor intelectual, herdado das lições positivistas de Augusto Comte, e com ativa pregação interna de seus verdadeiros apóstolos: Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Juntaram-se, aos ideais apostólicos, as inclinações políticas dos Convencionais de Itu e, pelo entusiasmo renovador da juventude militar, espicado pelas questões que envolveram apreciados chefes das suas corporações, reforçaram-se com a convincente palavra de Benjamin Constant, afiada à liderança venerável de Deodoro da Fonseca.

Foi necessária toda essa digressão, a fim de que se possa penetrar o místico e portentoso ciclo mundial do "desenvolvimento", com as conhecidas repercussões no Brasil. "Ordem e Progresso", da bandeira nacional, quase se põem simétricos ao legendário propósito da Revolução Francesa. A ordenação da coisa pública e da sociedade é

75  
Revisão

sempre o vínculo conservador, destinado à preservação dos bens culturais e institucionais, enquanto o progresso é apelo exatamente feito no sentido de que se rompam as amarras e se avance. O ideal da conciliação entre as duas grandes forças jamais se sabe ser ou não praticável, pelo menos, nos momentos convulsivos das arrancadas.

E, assim, no idealismo e arroubo da sua própria construção, formaram-se os Tenentes da história pátria. Por eles e com eles, irromperam as convulsões do período presidencial de Arthur Bernardes e a Revolução de 1930, com as oscilações cíclicas de 32, 35, 37, 45, 54, 61, 64, atingindo os nossos dias.

Desenvolvimento, chamado - em encíclica papal - o novo nome da Paz, tem derivação moderna do inglês, firmada a partir da Segunda Guerra Mundial. Descobre a face do progresso mais voltada para os avanços produtivos, econômicos e sociais dos povos, oferecendo dimensão mais ampla ao significado restritivo de "crescimento econômico". Em seu bojo, surgem o fervor da "produtividade", da ciência aplicada à produção com o nome de "tecnologia", as imperiosas normas de "planejamento", o esperançoso alvo das "metas" e, principalmente, a racionalização das burocracias puramente administrativas, com a denominação de "tecnocracia". No fundo: a interface do liberalismo, do nacionalismo e do intervencionismo estatal, afilhados de filosofias mais puras e isentas das aplicações pragmáticas.

Provindo, como se viu, da formação secundária no Colégio Militar do Rio de Janeiro, exatamente no calor do fim da primeira guerra mundial e todo o movimento tenentista; recebendo e apreciando ainda as doutrinas do Positivismo, expostas por seus mestres, em combinação com

os conteúdos disciplinares; espírito voltado para as posições racionais e lógicas, o jovem e brilhante médico - Clóvis Salgado - haveria ainda de contar com o fascinante e eficiente exemplo do herói e mártir (suas palavras), que lhe transmitiu a técnica e o tirocínio da cirurgia, ela mesma, ato de cabeça organizada, conhecimento preciso e gesto eficaz.

Vive também a época dos planejamentos, traçados pelos regimes socialistas, e da ascensão dos economistas, nos pólos ocidentais do sistema capitalista.

O desenvolvimento econômico e social define-se como processo complexo de mudanças e transformações econômicas e sociais, interrelacionadas com variações no campo político, através do qual se consegue produzir maior quantidade de bens e serviços destinados a satisfazer as sempre crescentes e diversificadas necessidades humanas.

Em relatório de 1961, especifica a Organização das Nações Unidas, indicadores de desenvolvimento: renda por capita, consumo de energia, esperança de vida, sobrevivência infantil, médicos por habitantes, matrículas escolares, calorias por habitante, repartição da força de trabalho, urbanização e distribuição da renda.

Pontifica John Maynard Keynes, com a obra "The General Theory of Employment, Interest and Money", cujas inovações lhe valem o Prêmio Nobel, especialmente as da Teoria do Emprego. Ensina que, estabelecido o objetivo de descobrir o determinante da renda nacional, ou o volume de emprego, a tarefa final consiste em selecionar as variáveis que a autoridade central pode controlar ou dirigir, para alcançar o desenvolvimento da economia. A continuidade do processo depende de uma correta política do Estado,

77  
XXXXXX

cujas funções principais seriam as de fixar, dentro dos limites apropriados, o incentivo aos investimentos, o estímulo ao consumo e a preservação do capital, quanto ao seu fator de escassez. Indispensáveis, no contexto: o aperfeioámento da mão-de-obra e as persistentes campanhas de produtividade.

No Brasil, com a liderança do próprio Presidente da República, o discurso governamental é o do desenvolvimento; o programa - o de metas.

A Pasta da Educação e Cultura não é apenas confiada a Clóvis Salgado. Cabe-lhe transformá-la numa das mais dinâmicas centrais de propulsão de todas as metas, inclusive a síntese da construção de Brasília, promovendo o mais precioso recurso de todos aqueles envolvidos no grande marcha.

Em "Universidade e Nacionalismo", abrindo os cursos de 1957 da Universidade do Rio Grande do Sul, repõe o Ministro, com sua própria voz, o comentário que até aqui se fez:

"Nacionalismo será tomado como uma atitude do brasileiro de hoje, que deseja ver o seu País próspero e emancipado, não só politicamente, mas também na sua economia e na sua vida cultural. É um movimento de afirmação em todos os campos, os quais só na aparência se mostram separados, mas que - de fato - são interligados e mutuamente se fertilizam e condicionam. E a Universidade, por isso mesmo que é uma síntese dos conhecimentos humanos, deverá abranger todos esses fenômenos, em suas modalidades próprias, e analisá-los à luz dos interesses e das aspirações da Nação Brasileira, a que deve ser vir devotadamente.

A Universidade é a área do Saber, a sua oficina e o seu tempo

78  
X BUNF

plo. A Ciência é a sua força e a Verdade - o seu culto. Acreditamos que a ciência tenha criado o nosso mundo e possa, incessantemente, melhorá-lo. O bem-estar, a segurança e o progresso da humanidade seriam, em grande parte, fruto do conhecimento e da utilização das forças e dos recursos da natureza. A ciência nos dá o controle dessas forças e do domínio desses recursos, de tal sorte que possamos pô-los permanentemente a nosso serviço. O progresso seria concebido como um controle e um domínio, cada vez maior, do meio externo pela mente atilada do homem."

.....

"É bom e mesmo essencial que, de começo, amemos a nossa Pátria e queiramos engrandecê-la e honrá-la. Que esse amor a envolva não apenas como escudo protetor, mas, sobretudo, como fonte inspiradora e força irresistível de seu contínuo e vigoroso fortalecimento. Desse amor irrompe e nesse amor se funda o forte instinto nacionalista, que marca os passos do Brasil atual e se dispõe a plasmar o seu futuro. Mas é bom e também essencial que os homens de pensamento digam a esses nativistas que, se o progresso pode ser proclamado em termos de sentimento, não poderá realizar-se senão em termos racionais, digamos, quantitativamente. É preciso planejá-lo, tendo em vista os dados objetivos, tomando o Brasil como uma soma de parcelas históricas, políticas, morais, econômicas e sociais, a cujas peculiaridades se deve atender, sob pena de fazer obra fragmentária, provisória e imperfeita. Na colheita dos dados e na elaboração dos projetos, é mister adotarem-se métodos e técnicas racionais de análise e composição, sem o que as melhores intenções correrão o risco de se transformarem em incoseqüentes castelos de areia ou, pior, em ruínas e decepcionantes tentativas. Ora, a aplicação desses me

79  
Luis

todos científicos à solução dos problemas do desenvolvimento humano caracteriza exatamente a atitude e o trabalho da Universidade. Dos seus laboratórios, sairão os técnicos; e do seu espírito - os líderes preparados para enfrentarem a batalha em que nos achamos empenhados, batalha pela sobrevivência e independência do Brasil. Temos de vencer a fase de indecisão nacionalista, em que nos encontramos, para definir o que possa ser acolhido como nacionalismo sadio, fecundo e criador. Creio não estar longe da verdade, afirmando que tal seria adotar o sentimento - como atmosfera - e a razão, como método."

A idéia desenvolvimentista avoluma-se e toma forma nas considerações do titular da Pasta da Educação e Cultura, sendo sua alocução inaugural do Curso de Administração de Empresas, em 1.957, na Escola da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, marco expressivo:

"Vivemos, no Brasil, a fase histórica do desenvolvimento econômico, provocado, entre outros fatores, pelo crescimento de demográfico. Nossa população vai crescendo mais depressa do que a renda nacional, situação perigosa, que somos chamados a corrigir, sob pena de um depauperamento progressivo do País. Não temos outra alternativa, a não ser o fortalecimento de nossa economia.

Na era tecnológica, o desenvolvimento econômico pressupõe o emprego das melhores técnicas e dos mais aperfeiçoados mêtodos de produção. Para tanto, torna-se indispensável criar os quadros humanos correspondentes, isto é, um variadíssimo elenco preparado científica, técnica e moralmente para o desempenho das múltiplas tarefas que a vida moderna reclama. Nesse quadro humano de civilização tecnológica, aos administradores de empresa está reservado um posto de comando da

maior responsabilidade, de cujo bom desempenho depende o êxito do trabalho coletivo. Dentro do complexo funcionamento das organizações fabris e comerciais de nosso tempo, essa inteligência da alta direção exige mais do que os dotes inatos para a liderança. Exige formação escolar apropriada.

Para melhor compreender a posição proeminente do moderno diretor de empresas, nada mais elucidativo do que encarar, em conjunto, o quadro do pessoal reclamado pelas atividades econômicas dos nossos dias.

Na base, estão os operários, simplesmente braçais ou que manejam instrumentos mais ou menos complexos. Há os que apenas operam máquinas. Na medida em que as próprias máquinas se automatizam, as tarefas desses operários tornam-se mais simples. A rigor, a instrução primária ser-lhes-á suficiente para esse trabalho elementar de mover alavança e apertar botões. As máquinas requerem, para que durem, cuidadosa conservação e, para que funcionem, bom ajustamento. Isso é tarefa de operários qualificados, que passaram por cursos regulares de treinamento gradual e ampliação de conhecimentos. São as escolas profissionais de nível médio, cuja rede é mister ampliar consideravelmente, para acompanhar o surto de nossa expansão fabril. Deverão abranger as atividades cada vez mais numerosas e diversificadas da indústria e também da exploração agrícola.

Projetar, construir, instalar e manter em alto rendimento máquinas e fábricas é obra do engenheiro. Dele, a tecnologia moderna requer cada vez maior preparo e especialização. De seu trabalho, de sua competência, depende o bem-estar material da humanidade.

Que seria do futuro de nossa civilização, se não houvesse homens preocupados em descobrir coisas novas, cérebros inventi

vos e inovadores? São os cientistas e pesquisadores. Não se limitam a aplicar a ciência e as técnicas já adquiridas à solução dos problemas concretos, que a vida humana suscita: vão muito além; buscam novos conhecimentos; procuram novos recursos materiais e novas forças para controlar a natureza e pô-la a serviço do homem. Essa pequena elite intelectual tem sido a mola do progresso, promovendo o avanço da cultura e garantindo, para a grande massa, a sobrevivência, a segurança e o conforto.

O imperativo de uma direção superior, cada vez mais compreensiva, para as empresas, emana do próprio progresso econômico, em regime de competição privada. Para competir, é mister produzir melhor e mais barato. Afinal, toda empresa se organiza para vender, para servir o mercado. Tudo isso vai criando, para a alta direção das empresas, missões cada vez mais complexas, exigindo vocação e preparo especializado.

Pois bem, uma das virtudes mais essenciais do administrador de empresas é saber manter-lhes a higidez, não apenas material, mas também moral, quer dizer, solidamente plantá-las na confiança do mercado e no apreço do corpo anônimo de acionistas. Há que procurar-se um justo equilíbrio entre todos os interesses em jogo, cuidando da qualidade dos produtos, sua padronização, preço acessível, lucros moderados, dividendos regulares, boas relações com as empresas congêneres e com os poderes públicos.

Isso quer dizer que os moços devem ser encaminhados para carreiras práticas, recebendo educação profissional; que o povo deve aprender a poupar; que as classes produtoras devem capacitar-se, cada vez mais, de suas responsabilidades no futuro do país; que os governos devem adotar normas de austeridade nos gastos e de emprego reprodutivo da renda nacional; que

a massa obreira deve convencer-se de que a segurança social não poderá vir mediante simples política de salários, mas so mente através de ua maior produtividade do trabalho e pelo fortalecimento da economia do País.

Assim considerando, pôde-se bem medir a transcendental importância das escolas que se propõem a formar, culturalmente, os líderes industriais e compreender o apreço que vão elas ganhando, nas cogitações educacionais do Governo."

Algarão, daí: o Profissional militante, o Professor dedicado, o Político consciente, em sua escalada de homem público, na responsabilidade de fundamentar o plano de governo no setor da Educação, todos consubstanciados no Ministro de Estado, em documento elaborado sob a chancela do Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República: "As Metas de Educação para o Desenvolvimento," em dezembro de 1.957.

Notável curiosidade se instala no ato simples de duas emendas de próprio punho, que podem ser observadas no exemplar, já datilografado, que guardou em seu poder. Nas páginas 10 e 11, onde se encontra a sentença "É, ao contrário, completa mudança de estrutura o que se propõe, tanto em relação ao ensino comum, quanto ao especializado, nos diversos graus, a fim de concentrar toda a população brasileira, atuante ou potencial, no reequipamento econômico do País, no setor agrícola e industrial", com letra muito bem traçada, substitui dois termos: "empenhar", em vez de "concentrar" e "soerguimento", em vez de "reequipamento".

Poderia parecer perfeccionismo de redação. Em verdade, no entanto, empenhar a população em um esforço tem o sentido mais democrático do que centralizá-la em uma

83  
A. M. F.

tarefa, pois ressalta a necessária busca de adesão das pessoas para o compromisso. De outro lado, soerguimento econômico do país acompanha o mesmo sentido de ação conjunta incentivada, distante do significado puramente instrumental de reequipamento. São cuidados sutis, mas significativos, de colocar as ideias dentro dos termos que realmente consigam transmiti-las em grau apreciativo das futuras ações.

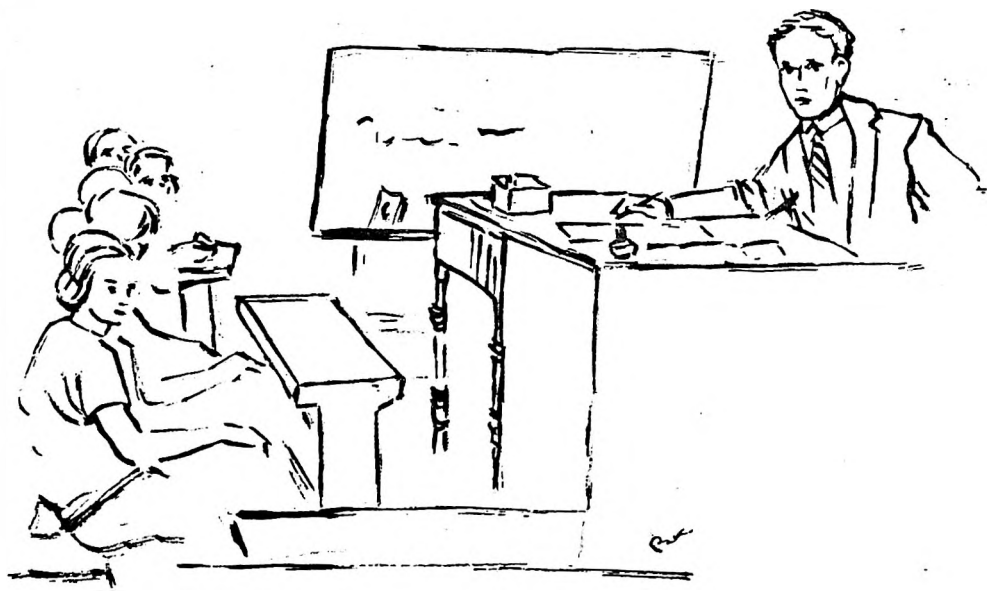
"A sociedade brasileira vem sofrendo transformação rápida de estrutura, caracterizada pela maior diversificação da economia, portanto, dos tipos de ocupação profissional, e por uma ascensão das classes trabalhadoras, que reclamam educação de nível mais elevado.

A educação primária, na sociedade moderna, deve assegurar não só a posse das técnicas fundamentais da cultura (ler, escrever e contar), mas também a habilitação mínima do homem, para os deveres da produção e da convivência social. A educação secundária perde, em face da generalidade dessa aspiração, o seu caráter de ensino médio ou intermediário entre o primário e o superior, para adquirir caráter autônomo e exprimir o nível geral de preparo a que tende a coletividade. A educação superior não pode, em face da diversificação crescente da economia e das ocupações, permanecer compartimentada segundo o sistema tradicional de escolas e cursos estanques. Sua tendência é para a flexibilidade dos currículos, para a interpenetração das faculdades e cursos e para um ajustamento dos planos de estudos às demandas da sociedade."

Colocada com tal simplicidade, a plataforma realista do sistema escolar aprofunda seus alicerces, ao pensar no método do seu enriquecimento com sensível isenção do autoritarismo oficial:

"A reforma da educação não pode ser pensada a priori, tendo

84  
KLMF



em vista um ideal de formação independente do tempo. Deve, pelo contrário, encontrar seu ponto de partida numa investigação da realidade social presente e de suas perspectivas futuras, no inventário das necessidades coletivas a que a educação pode dar resposta e, sobretudo, na perfeita compreensão do sentido das transformações sociais que se processam no meio brasileiro.

É esse sentido que, uma vez conhecido, põe em evidência o ideal educacional, de que a reforma deve ser instrumento."

Assinalara o Ministro, desde as mais tenras sementes da sua formação, sua tendência para as construções lógicas e progressivas, manifestando-a, coerentemente, na envergadura do plano que agora traça:

"As considerações visam a mostrar que o ideal do desenvolvimento intensivo se traduz em um programa prático e perfeitamente realizável, diferindo, portanto, da simples ideologia do progresso, afirmada como um objetivo permanente, em outras épocas e circunstâncias.

O ideal do desenvolvimento é o ideal do progresso quantificado, isto é, tornado realizável sob forma e quantidade de finidas, dentro de tempos também definidos.

As despesas com a educação devem, pois, ser consideradas como investimentos de alta prioridade, quer para o Estado, quer para os particulares, já que, sem uma correção adequada das distorções culturais engendradas pela educação tradicional, não conseguiremos elevar as condições de eficiência do homem brasileiro ao nível das necessidades da política do desenvolvimento."

Um credo, assim pontilhado de pragmatismo, corresponderá a uma fé concebida na mais virtuosa nascente de autêntica Filosofia Educacional?

"A educação para o desenvolvimento não é, como a referência

ãs transformações econômicas da sociedade pode deixar parecer, uma educação puramente técnica, sem objetivo ético e conteúdo humanístico. No que diz respeito ao objetivo ético, cumpre notar que a educação para o desenvolvimento requer tanto o preparo intelectual do indivíduo, como a sua formação moral, o domínio de si próprio, o senso de bem-estar coletivo, a austeridade no consumir, a formação da gama de virtudes do realizador, que não é outra senão a das virtudes cristãs, a que a educação de hoje, completamente intelectualizada, voltou as costas inteiramente.

86  
P. B. S. F.

No que respeita ao humanismo, cabe lembrar que o verdadeiro pressupõe integração do homem nas condições circunstanciais do seu meio e do seu tempo, e procura a equação dessas condições e do que há de perene no próprio homem.

A educação para o desenvolvimento será, pois, um novo humanismo pedagógico, em que cada indivíduo é visto como protagonista da sua época, como veículo de soluções comuns reclamadas pela coletividade, soluções em que se harmonizam o permanente e o circunstancial, a essência e a existência."

A quem alcançará a mudança? Não têm os programas de desenvolvimento uma certa propensão para a mentalidade de obras, ostentadoras de um ativismo de fortes grupos que absorvem os interesses e melhores rendimentos das suas fatias mais suculentas? A pergunta, aliás, não representava apenas uma deixa proposital para a transcrição de trecho, no qual se insere a resposta. Foi lançada de público, em tom até bastante agressivo, em um daqueles encontros antes descritos, quando o Ministro proclamava estar disposto ao debate aberto.

"Uma das conseqüências mais justas da política da educação para o desenvolvimento será a educação popular, o preparo

adequado do operário, para torná-lo mais eficiente, para au-  
mentar-lhe a produtividade. São assim poderã fazer jus a um  
salário que realmente eleve o seu padrão de vida. Devidamen-  
te preparado, o operário conquistará o seu próprio salário  
profissional, não havendo necessidade de procurá-lo através  
de penosas e enganadoras reivindicações. Enquanto permane-  
cer baixa a renda nacional, não haverá lei capaz de vencer  
o pauperismo, ou dar segurança ao trabalhador. Todos nós es-  
tamos convencidos disso, mas não devemos nos esquecer da  
responsabilidade que nos compete. As massas trabalhadoras,  
que se deslocam para as cidades, estão ganhando consciência  
de suas agudas necessidades e reclamando providências dos  
governos. Unidas pelo sofrimento, formam uma força política  
poderosa, instintiva. Movendo-se emotivamente, poderão ser  
empolgadas demagogicamente e desviadas de seu próprio cami-  
nho, que se confunde com a própria sorte da Nação."

87  
Laurif

## XX

Ninguém, sozinho, é capaz de fazer trabalho certo e duradouro, no campo educacional. Não significava, pois, aquela convocação inicial ao empenho de todo o povo brasileiro, para a obra da reforma simples, figura de retórica. Pensar na tarefa solidária, compartilhada, participativa e, para ela, compor equipe do mais elevado talento e competência de ação, retrata claramente a cabeça ordenadora, já identificada como a principal fonte da eficiência dos gestos largos, nobres e resultantes.

Abgar Renaut, Américo Jacobina Lacombe, Anísio Teixeira, Armando Hildebrand, Carlos Pasquale, Carlos Potech, Celso Brant, Celso Cunha, Francisco Montojos,

Gildásio Amado, Gustavo Barroso, Heitor Villa-Lobos  
Heli Menegale, Josué Montello, Jurandir Lode  
Lafaiete Belfort Garcia, Lourenço Filho, Pedro Calmon,  
Rodrigo Melo Franco Andrade, Vandick Londres Nóbrega  
estão em cargos do Ministério ou na mais estreita colabo-  
ração.

O porte da ação de grande educador, deriva-  
do da linha do pensamento criador e construtivo, terá de  
ser avaliado além dos parâmetros quantitativos, que ele,  
no rigoroso afã dos compromissos governamentais, requeria  
com tanto zelo. Naturalmente, também se contam os feitos,  
e quantos, na conformidade do que descrito em parte espe-  
cial desta exposição. Mas o que se quer extrair, em conclu-  
são, é o sumo qualificativo da obra.

Jovem e atuante parlamentar dos nossos dias,  
desfechou uma campanha ousada no terreno dos sistemas edu-  
cacionais. O de que precisa a educação, afirmou, é de espa-  
ço político ampliado. Vale dizer, então, que as funções  
técnicas e administrativas são da maior relevância. Mas,  
para que se atinja a finalidade primordial do magistério e  
do processo educativo, por intermédio da escola, na qual  
se destacam professores e estudantes, torna-se imperativa  
e decisiva a batalha dos recursos, não obstante tudo quan-  
to podem fazer a vocação docente e a vontade de aprender. E  
essa, na palavra lúcida e experimentada do congressista, só  
se ganha no campo aberto da luta e da negociação política.  
O poder de decisão, advindo de tal área, mostrou, há pouco,  
as soluções prontamente obtidas por eminente Ministro que  
outro, não menos, lutou longamente por elas e nada conseguiu  
no jogo dos interesses predominantes.

A ação educadora do Ministro Clóvis Salgado,  
na família, no consultório, na cátedra, nas academias e as

sociações de classe, transformou-se naquela imagem que ele mesmo cita sobre um dos seus grandes mestres de "senhor das decisões", pela coragem de engajar-se partidariamente na política, com mando executivo de alto escalão por, no menos, quinze anos. E nunca deixou de ser, como o chamavam mais comumente do que Governador e Ministro, o eminente Professor. Como se disse, no início, nem todos os educadores devem ter ou têm oportunidade de exercitar política. A maior parte nem deseja. Há de haver, entretanto, o que se arremete a tal órbita. E, sem dúvida, a ilustre personagem desta dissertação foi expoente da maior grandeza, na edificante lida. Esta - a sua vigorosa e capaz ação de educador em plano de nacionalidade.

Realizou seu programa, elevou o prestígio do seu partido e deixou o Ministério, novamente eleito Governador do seu Estado.

Não resignou o seu papel vocacional de professor. Encerrados os mandatos eletivos, retornou à Faculdade de Medicina, exerceu a direção e foi alçado às funções de membro do Conselho Federal de Educação.

Outra militância impressionante, a de jornalista, com coluna assinada em jornais de grande circulação, nos quais se fez até enviado a terras da Europa, transmitindo artigos sobre o Plano de Badajoz, na Espanha, importante experiência comunitária agrícola.

Nas antigas searas da fazenda de Leopoldina e nos destemidos embates do Partido Republicano, quem sabe, foi recolher as idéias mais férteis para a sua matéria "Reforma Agrária", apresentada na Convenção do Partido em janeiro de 1962?

" RESUMO:

1. O Partido Republicano reconhece a existência do problema agrário, dispondo-se á colaborar ativamente para sua solução, tendo em vista o bem comum.
2. Coerente com sua crença democrática, o PR só aceita soluções legais, ajustadas aos preceitos da Constituição.
3. Os objetivos da Reforma Agrária são econômicos, sociais e políticos, visando ao aumento da produção, à melhoria do padrão de vida rural e ao fortalecimento da democracia.
4. O aumento da produtividade agrícola exige a intervenção de fatores tecnológicos, o que implica em maiores inversões na exploração agrícola, tal como vem ocorrendo em outros setores.
5. Diante do real atraso das massas trabalhadoras rurais, a modernização dos métodos agronômicos tem de se fazer, numa primeira fase, através do agricultor munido de um mínimo de conhecimentos. O mesmo se dirá do cooperativismo agrícola, forma de todo recomendável.
6. A melhoria de padrão de vida do operário rural será função principalmente do aumento de sua produtividade, e isso virá lentamente, pela sua valorização física, espiritual e profissional. Seria utópico e perigoso pensar em alcançar esse resultado pela simples distribuição das terras.
7. A prosperidade dos pequenos e médios agricultores, além da assistência técnica e financeira, depende também de uma racional política de preços e adequada comercialização dos produtos.
8. Do circuito da comercialização deve ser abolido o intermediário monopolista, como fator anti-social. No seu lugar

gar, devem surgir as cooperativas de produtores e, na sua falta, o próprio Estado.

91  
Santos

9. Da complexidade dos fatores de produtividade, resulta que a Reforma Agrária deve ser feita gradativamente, em conexão com o desenvolvimento da ciência, técnica, capital e organização.
10. Recomenda-se a adoção imediata, pela administração pública, a título experimental, de projetos específicos, técnica e economicamente estudados, que venham resolver problemas reais e sirvam de exemplo e inspiração a um planejamento mais amplo.
11. Inaceitáveis são as soluções revolucionárias, que suprimam a propriedade privada, nos termos da Constituição vigente, em razão da nossa índole e do nosso amor à liberdade.
12. O princípio da iniciativa particular não nos leva a apoiar abusos do poder econômico, tais como o latifúndio improdutivo, a parceria extorsiva e o trabalho sem garantias. São matérias a serem reguladas em leis de inspiração econômica, social e humana.
13. Recomenda-se a extensão da assistência social ao homem do campo, à maneira do que se faz na cidade.
14. Apesar das dificuldades da fase histórica que o País atravessa, a expansão industrial, criando mercados internos e oferecendo equipamentos à lavoura, virá melhorar a sorte do homem do campo, tornando-lhe o trabalho menos penoso e mais lucrativo. A lavoura mecanizada libertará braços para o desenvolvimento industrial, base da emancipação econômica do país.
15. Um programa assim delineado, que se poderia chamar de rumos para um Estatuto da Terra ou Reforma Agrária Demo

crática Legal e Progressiva, merecerá o apoio do Partido Republicano."

92  
Alves

Foi o próprio Convencional quem assim relata matéria da reconhecida importância para enorme contingente da população brasileira e, como em outro pronunciamento antes citado, invocando Proust, comenta a questão de perspectiva no exame dos problemas que afetam a sociedade. Diversos pontos alinhados no resumo do documento apresentado a seu Partido, como base para a discussão da matéria, devem ter sido exaustivamente debatidos e mais seriam, na época, se submetidos ao exame das várias correntes que se batiam em torno da dramática questão da terra e do camponês. Não se dirá com excesso que tenha sido tal problema dos mais responsáveis pelos violentos conflitos que ocorreram pouco tempo depois, culminando com a drástica transformação do regime governamental. Além do mais, até hoje a controvêrsia mostra-se grave e complexa. Mas, como se dizia ao início, esta é a faixa do risco político, na qual se expõe - por inteiro - quem nela atua, passando a limpo, para as gerações, o exemplo das atitudes e das idéias.

XXI

Feliz o homem público que pode despedir-se de duradoura gestão num Ministério da República, assim expressando suas idéias sobre o afastamento dos cargos públicos.

"Como somos uma democracia, dentro em pouco serão substituídos os homens de governo. Outros brasileiros estarão sendo chamados às responsabilidades e deveres da administração pública, aos quais o bom cidadão não pode recusar-se.

.....

Não pode haver, em matéria de educação, fronteiras entre brasileiros, nem nos deveres que se impõem, nem nos benefícios que são devidos.

Todos são iguais perante a Escola, como iguais somos todos, perante o Brasil."

Enfim, há também a hora em que o sentimento, mais forte pelo motivo, afasta qualquer apelo à razão dos determinismos e coloca toda a emotividade à flor da pele.

Clóvis Salgado escolheu os horizontes sempre descortinados da mensagem do jornalista para, na coluna de intensa comunicação com sua gente, homenagear o amigo sempre admirado:

"Aos setenta anos de idade, desaparece, tragicamente, ANÍSIO TEIXEIRA, deixando o saldo de toda uma vida dedicada à causa da educação, como administrador, mestre e filósofo. A inteligência poderosa e o coração generoso de ANÍSIO cessaram de pulsar, mas as suas idéias, as suas lições e a sua vida permanecerão como fonte inspiradora de quantos sonham e lutam pela melhoria da condição humana."

A maior parte dos grandes nomes da equipe educadora do Ministro Clóvis Salgado, inclusive ele mesmo, o grande líder das ações fecundas e progressivas, permanece já encantada na saudosa memória dos familiares, discípulos e concidadãos. Outra conta imensa e preciosa no rosário de todas as gratíssimas recordações, sua constante colaboradora Helena Antipoff, haveria de dizer, como o fazia freqüentemente.

"O que se faz - de bom - não morre."

B I B L I O G R A F I A

94  
LUMF

ABNT - P-NB-217 - Apresentação de livros e folhetos. Rio de Janeiro, 1972.

ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE - 2 ed. Rio de Janeiro, Delta, 1967 - 15 V.

ENCICLOPÉDIA ESPASA-CALPE. - Madrid, Espasa-Calpe, 1926 - 72V

GRANDE ENCICLOPÉDIA FRANCESA - Paris, Bobino-Bricci - 31V

LINTON, Ralph - Cultura e personalidade. São Paulo, Mestre Jan. 154p.

MAISON CASA DU BRÉSIL BRASIL - Discursos e atos referentes à inauguração. Rio de Janeiro, Universidade do Brasil, MEC, 1959 - 55p.

MALINOWSKI, Bronislau - Uma teoria científica da cultura. 3ed. Rio de Janeiro, Fajar, 206p.

MEC. Comissão de Educação e Cultura. Grupo de Trabalho do Conselho do Desenvolvimento. Programa de metas educacionais. Rio de Janeiro, 1957 IV.

MEC. Relatório quinquenal - 1956/1960. Apresentado ao Presidente pelo Ministro Clóvis Salgado da Gama. Brasília, 1960 - 344p

MEC. Setor de Divulgação. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, jan/fev 1957 à ano 2, n.8, nov/dez. 1957

MEC. Setor de Divulgação. Rio de Janeiro, ano 2, n.8, nov/dez. 1957 à ano 2, n.12, jul/ago - 1958.

MEC. Setor de Divulgação. Rio de Janeiro, Setor de Divulgação, ano 2, n. 13, set/out - 1958 à ano 3, n.18, jul/ago - 1959

MEC. Setor de Divulgação. Rio de Janeiro, ano 3, n.19 set/out. 1959 à ano 5, n.25, set/dez - 1960

SALGADO - Marília de Albuquerque - Clóvis Salgado bibliografia; trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1971-124p.

SALGADO DA GAMA, Clóvis. Mensagem à assembléia legislativa; apresentada pelo governador do Estado de Minas Gerais na sessão de 15 de junho de 1955. Belo Horizonte, 1955 . 361p

SALGADO DA GAMA, Clóvis. As metas de educação para o desenvolvimento. Rio de Janeiro, Presidência da República, Conselho do Desenvolvimento, 1957. 22p

SALGADO DA GAMA, Clóvis. Pequena coletânea de discursos, conferências e artigos publicados em periódicos. 1956 a 1971. IV .

SALGADO DA GAMA, Clóvis. Reforma do ensino primário e pré-primário em Minas Gerais. Belo Horizonte, SESI, 1956 . 69

VASCONCELLOS, José de, pe. Páginas recolhidas. Belo Horizonte, PUC FUMARC, 1983 . 139 p.